

CURSO DE SINTAXE DO PORTUGUÊS I

TÓPICO I: A “Sintaxe”: Delimitação de um campo de estudo, (i).....	2
TÓPICO I: A “Sintaxe”: Delimitação de um campo de estudo, (ii).....	6
TÓPICO II: Confrontando a abordagem tradicional com outras perspectivas, (i): Os “termos da oração”	10
TÓPICO II: Confrontando a abordagem tradicional com outras perspectivas, (ii): As Relações Gramaticais.....	14
Exercício de Avaliação I.....	16
TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA	23
TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA 2. Teoria Temática (A)	32
TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA 2. Teoria Temática (B)	34
TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA	38
TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA (iii) Conceito de Relações Gramaticais (ou: “ <i>Teoria do Caso</i> ”).....	40
TÓPICO IV: ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	43

TÓPICO I:
A “Sintaxe”: Delimitação de um campo de estudo, (i)

Roteiro

1. Introdução
 - 1.1 Algumas respostas colhidas em sala para a pergunta: “O que é sintaxe ?”
 - 1.2 Discussão das definições oferecidas pelo grupo
 - 1.3 De conceitos e senso comum: “Nada é evidente, nada é gratuito, tudo é construído”
2. Sintaxe, Gramática, Teoria da linguagem
 - 2.1 Questões historicamente importantes para os estudos gramaticais
 - 2.2 O que é sintaxe e o que não é sintaxe, (i): o problema dos “níveis de análise linguística”

1. Introdução

1.1 Algumas respostas colhidas em sala para a pergunta: “O que é sintaxe ?”

(i)	<p>“A sintaxe estuda e ensina a maneira correta e formal de se escrever numa determinada língua”</p> <p>“A sintaxe está relacionada com um aspecto ‘formal’ da língua, como a gramática – as regras para escrever corretamente”.</p> <p>“Sintaxe é o estudo da estruturação correta das sentenças de uma língua”</p> <p>“Sintaxe é a área que estuda os usos gramaticais na língua, analisando e regulamentando as estruturas linguísticas através de suas colocações”</p>
	<p>“Sintaxe é o estudo da maneira dos usuários da língua organizarem as palavras em frases de maneira linear criando textos mais ou menos coerentes e claros”</p> <p>“Sintaxe é o estudo do arranjo das palavras dentro de uma frase, da função delas e do porquê assim se encontram distribuídas em determinado período. Resumindo, é o que pesquisa o fato das palavras não serem utilizadas aleatoriamente num texto”</p> <p>“Sintaxe é o estudo das funções das palavras num texto”</p> <p>“É o instrumento de análise e reflexão da forma que é eleita para expressar as idéias dentro de uma comunidade, um estudo de como essa forma torna a comunicação fluida, e a ferramenta para moldar o estilo dessa forma, de acordo com a mensagem a ser transmitida”</p>
	<p>“A sintaxe trata das regras de formação das sentenças”</p> <p>“Sintaxe é o estudo das relações entre as palavras na frase”</p> <p>“Sintaxe é o estudo da estrutura da sentença, seus componentes, as relações estabelecidas entre eles e sua forma de organização”</p>
	<p>“A sintaxe é o estudo da relação entre o pensamento e as estruturas da língua”</p> <p>“Sintaxe é o estudo das relações lógicas estabelecidas entre as palavras no enunciado”</p> <p>“Sintaxe é o estudo de sentenças produzidas pelo ser humano com um valor de verdade. As relações entre as partes destas sentenças, portanto, são relações sintáticas. Destas relações podemos depreender regularidades que confirmarão o valor de verdade das sentenças produzidas”</p> <p>“Sintaxe é o estudo das estruturas presentes na construção de uma sentença, como também da lógica que a organiza”</p>
	<p>“É o estudo das funções gramaticais dos termos em sua organização nas frases”</p> <p>“Sintaxe é a parte da linguística que estuda a estrutura da frase e a função das palavras na frase”</p> <p>“Sintaxe é o estudo das relações de sentido que existem entre os elementos de uma frase e da forma como eles se organizam sintagmaticamente”</p> <p>“Sintaxe é o estudo da ordem linear da fala, do encadeamento das palavras em uma língua, de modo a fazer sentido entre os falantes daquela. Procura explicar as regras que guiam a formulação dos sintagmas, bem como a relação entre os elementos que compõem tais sintagmas”.</p> <p>“A sintaxe estuda a função da palavra na oração, sua relação com outras palavras e o modo como juntas, constroem o sentido do enunciado”</p>
	<p>“A sintaxe é um dos níveis de análise da linguística, assim como a fonologia e a morfologia, e remete à combinação das palavras entre si para formar sentenças”</p> <p>“A sintaxe é o estudo da relação que se estabelece entre os componentes da oração. Trata-se de um nível de análise linguística que ‘supera’ o nível morfológico, mas não abrange o nível do texto”</p> <p>“Sintaxe parece ser a terceira articulação, antecedida pela fonética e fonologia e morfologia. É o estudo da combinação de elementos numa oração. (...)”</p> <p>“Entre as diversas disciplinas que se ocupam dos vários níveis de análise linguística possíveis, encontramos a sintaxe. Assim, a fonologia trata dos fonemas, a morfologia trata dos morfemas, e podemos dizer que a sintaxe</p>

trata dos sintagmas. Muitas vezes as questões da morfologia e da sintaxe se sobrepõem, de modo que alguns estudiosos preferem falar em morfosintaxe. De acordo com a linha que um pesquisador segue, a importância de cada nível de análise pode variar.(...)”

“Sintaxe é um ramo da linguística que busca explicar como os seres humanos são capazes de produzir sentenças lógicas e verdadeiras por meio do conhecimento que eles têm [*] sobre os mecanismos de relações entre as palavras; dos processos fônicos, morfológicos e semânticos que permitem estabelecer relações de palavras, estruturas sintáticas, de diversos níveis, com o fim de produzir sentenças (* Há várias teorias que buscam explicar esse conhecimento, como a gramática gerativista, estruturalista, funcionalista, etc)”

(ii) “Sintaxe é a ordenação das palavras num texto escrito, de maneira a uniformizar a comunicação escrita”

“Sintaxe são as regras que estruturam a língua”

“Sintaxe é o conjunto de regras que regem a estrutura da língua”

“Sintaxe é um conjunto de regras para elaboração de sintagmas, ou seja, o modo usual de uma língua ser estruturada para estabelecer comunicação entre os falantes”

“A sintaxe é a estrutura da língua”

“É a organização das palavras nas sentenças de uma determinada língua”

“A sintaxe consiste na estruturação dos elementos essenciais e acessórios em uma língua. Na formação de frases, orações e períodos”

“A sintaxe é um sistema de ordenação das palavras segundo suas funções”

“Sintaxe é a estrutura da construção do sentido de uma determinada língua, sendo influenciada pelo contexto histórico, social e cultural”

“Pode-se definir sintaxe como o fim do processo de formação de frases que utiliza-se de outras partes da gramática como fonética, morfologia e discurso/pragmática”

“A sintaxe de uma língua é a forma como são ordenados os elementos constituintes da frase e o que possibilita a formação do sentido. A mudança de posição desses elementos pode gerar novos sentidos ou comprometer toda a comunicação, tornando a frase agramatical, pode-se afirmar mesmo que existem posições canônicas para esses elementos que variam de língua para língua mas as variações são limitadas o que revela algo particular do pensamento humano”

(iii) “É o modo de organizar as palavras numa sentença. Ou melhor, o estudo dessa organização na língua X ou Y”

“Sintaxe é a estrutura da língua, um estudo da relação dos termos de uma frase, um parágrafo, um texto. Como diferentes termos gramaticais se posicionam e criam sentido”

“Sintaxe é a permutação de sentidos decorrentes da ordem das palavras em qualquer oração, é ciência pela qual se estuda a ordem dos elementos que constituem uma oração, ou seja, é a análise da estrutura de uma oração que independe do valor semântico das palavras”

1.2 Discussão das definições oferecidas pelo grupo

Observe que as definições acima estão divididas em três grupos: (i), (ii) e (iii). Observe, ainda, que no interior dos grupos (i) e (ii) há subdivisões. Analisando as definições, vamos discutir:

- A divisão em três grupos parece seguir algum critério? Qual?
- As subdivisões nos grupos (i) e (ii) parecem seguir algum critério? Qual?
- Se você fosse organizar essas definições, usaria um critério diferente? Qual? Por quê?

1.3 De conceitos e senso comum:

“Nada é evidente, nada é gratuito, tudo é construído”

Leitura extra (anexo):

BACHELARD, Gaston. “A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento”. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
[Excerto: Capítulo I, *A noção de obstáculo epistemológico*: p. 12].

2. Sintaxe, Gramática, Teoria da linguagem

2.1 Questões historicamente importantes para os estudos gramaticais

- Forma /Significado;
Som/Sentido;
Evento/Conceito/ Expressão;
Mundo/Pensamento/ Linguagem ...
- Tradição clássica: A Predicação; Substância/Circunstância; Sujeito/Predicado
- Tradição lógica: A Proposição; valor de verdade.
- “Estruturalismo”: Relação entre valores de um sistema abstrato
- “Funcionalismo”: Relação entre forma e função
- “Gerativismo”: A “Faculdade da Linguagem” como módulo mental distinto do sistema conceitual

2.2 O que é sintaxe e o que não é sintaxe, (i): o problema dos “níveis de análise linguística”

(1) “Fonologia” X “morfologia” X “sintaxe” X “semântica” X “pragmática”... processamento ou análise?



📖 PERINI, Mário Alberto (2009). *Por uma metodologia da descrição gramatical*. Em “Estudos de Gramática Descritiva: As valências verbais”. São Paulo: Parábola, pp. 13-36.

(2) Uma pergunta relativa ao processamento:

- “De que o receptor dispõe, em um primeiro momento, para decodificar uma seqüência formal?”
 - Da seqüência formal, acessível aos sentidos;
 - De seu conhecimento da gramática e do léxico.

(3) “O fazendeiro matou um patinho” > [O fazendeiro] SN { [matou] v [um patinho] SN} SV

- (a) “As palavras são [O], [fazendeiro], [matou] ... etc. (conhecimento do léxico, regras fonológicas)”;
- (b) “[O] é tipicamente início de um SN”;
- (c) “[Fazendeiro] é aceitável como continuação de um SN iniciado por [O]; e o SN pode ficar só nisso”;
- (d) “[matou] só pode ser forma do verbo [matar]; e essa forma é aceitável como um verbo seguindo-se ao SN [O fazendeiro];
- (e) “A seqüência processada até o momento ([O fazendeiro matou]) é aceitável como início de uma oração, cujo sujeito é o fazendeiro e o núcleo do predicado é matou;
- (f) “essa seqüência, assim estruturada, permite esperar outro SN, que será o objeto direto, a julgar pela valência do verbo [matou]”.

(4) “Esse cobertor vai esquentar demais.” (*O cobertor vai ficar quente, ou alguém vai ser esquentado pelo cobertor ?*)

(5) “Você pode fechar essa janela?” (*É uma pergunta sobre a sua capacidade de fechar, ou um pedido para você fechar?*)

(6) “De que é que o receptor dispõe, em um primeiro momento, para decodificar uma seqüência formal?”

- Da seqüência formal (acessível aos sentidos);
- De seu conhecimento da gramática e do léxico;
- De seu conhecimento geral do mundo;
- De sua percepção do contexto natural e/ou social em que a seqüência é enunciada.

(7) Pergunta relativa à análise:

- “O que levar em conta, o que deixar de fora nas análises?”

(8) Voltamos então à nossa pergunta inicial... *O que é Sintaxe... ?*

3. Exercício (I)

- (1) Eu comi o frango
- (2) Ele comeu o frango
- (3) Eles comeram o frango
- (4) O frango eu comi
- (5) O frango ele comeu
- (6) O frango eles comeram

- (7) Comi o frango
- (8) Comeu o frango
- (9) Comeram o frango
- (10) O frango comi
- (11) O frango comeu
- (12) O frango comeram

- (13) O menino quebrou o prato
- (14) O prato quebrou o menino
- (15) O prato o menino quebrou
- (16) O menino o prato quebrou
- (17) O prato foi quebrado pelo menino
- (18) O prato foi quebrado
- (19) O menino quebrou
- (20) O prato quebrou
- (21) Quebrou o menino
- (22) Quebrou o prato

- (23) As meninas arrasaram os meninos
- (24) Os meninos arrasaram as meninas
- (25) As meninas os meninos arrasaram
- (26) Os meninos as meninas arrasaram
- (27) Os meninos arrasaram
- (28) Arrasaram os meninos

- (29) As meninas estragaram os doces
- (30) Os doces estragaram as meninas
- (31) Os doces as meninas estragaram
- (32) As meninas os doces estragaram
- (33) As meninas estragaram
- (34) Os doces estragaram
- (35) Estragaram as meninas
- (36) Estragaram os doces

- (37) A menina estragaram
- (38) O doce estragaram
- (39) Estragaram a menina
- (40) Estragaram o doce

Para cada uma das sentenças acima, indique quais os termos que, na sua interpretação, representam:

- (a) O evento (ação, processo) expresso na proposição (sublinhe-o, *cf.* exemplo em (1), comi)
- (b) O participante que causa o evento (circule-o, *cf.* exemplo em (1), Eu) ○
- (c) O participante que sofre os efeitos do evento (enquadre-o, *cf.* exemplo em (1), o frango)

Se alguns casos lhe parecerem aceitar mais de uma interpretação, anote-as. Nos casos em que não encontrar um termo que caiba na categoria (b) ou (c), indique o fato. Caso algumas das sentenças acima lhe pareçam impossíveis de interpretar quanto a (a),(b), (c), indique-as com [?], mas ainda assim, tente uma interpretação aproximada.

A partir desse exercício, iremos discutir o seguinte:

- Nos casos em que conseguiu responder (a), (b) e (c), **como conseguiu?**
- Nos casos em que eventualmente não tenha conseguido responder (a), (b) ou (c), **por que não conseguiu?**

TÓPICO I:
A “Sintaxe”: Delimitação de um campo de estudo, (ii)

Roteiro

1. Retomando a pergunta final da última sessão
 - 1.1 Apresentação das respostas e discussão da proposta do Exercício (I)
 - 1.2 Complemento ao Exercício (I)
2. A Noção de “Predicação”: Uma introdução
 - 2.1 Valência, Estrutura Argumental, Papeis Temáticos (Domínio do Núcleo Lexical)
 - 2.1.1 Noção de Valência
 - 2.1.2 Noção de Papéis Temáticos
 - 2.1.3 Noção de Estrutura Argumental
 - 2.2 As “Relações Gramaticais” (Domínio da Sentença)
 - 2.3. Outras Relações (Domínio da Proposição)
3. Em Resumo
4. Preparação para a próxima sessão
 - 4.1 Exercício (II)
 - 4.2 Leitura

1. Retomando a pergunta final da última sessão

- “Como conseguimos interpretar o sentido estabelecido pela relação entre os termos de uma sentença?”

1.1 Apresentação das respostas e discussão da proposta do Exercício (I)

1.2 Complemento ao Exercício (I)

Exercício (I)-b: Repita os procedimentos efetuados para as sentenças (1) a (40), para (41) a (52) abaixo, e novamente responda: *Como você sabe?*

- | | |
|--|-------------------------|
| (41) A mirisga junjou o tiruri | (47) Junjou o tiruri |
| (42) O tiruri junjou a mirisga | (48) Junjou a mirisga |
| (43) O tiruri a mirisga junjou | (49) O tiruri junjou |
| (44) A mirisga o tiruri junjou | (50) A mirisga junjou |
| (45) O tiruri foi junjado pela mirisga | (51) Junjaram o tiruri |
| (46) A mirisga foi junjada pelo tiruri | (52) Junjaram a mirisga |

2. A Noção de “Predicação”: Uma introdução

- “Falar é predicar”. (Borba, 1996:13)
 - “Predicar é atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre entidades”. (Duarte, 2003:182)
- Domínios de predicação: a proposição; a oração; o léxico

2.1 Valência, Estrutura Argumental, Papeis Temáticos (*Domínio do Núcleo Lexical*)

- “A Predicação abrange não só a relação entre o que tradicionalmente se designa sujeito e predicado de uma frase ou oração, mas também a relação que se estabelece entre um núcleo lexical, como um verbo, e seus argumentos.” (Duarte, 2003: 182)

2.1.1 Noção de Valência

- “Conhecer o item *comer* implica não apenas em saber seu significado específico ou o fato de que se conjuga pela segunda conjugação, mas também saber que cabe em determinados ambientes, por exemplo com objeto direto (*comi a pizza*), ou sem objeto nenhum (*ele já comeu hoje*), mas não com a + SN (**comi ao pernil*). É igualmente saber que pode ocorrer em construções passivas (*Pierre foi comido pelos canibais*). Dessa forma, o conhecimento léxico se integra intimamente com o conhecimento gramatical, e a distinção entre eles muitas vezes não é nada clara. Assim, a valência de um verbo dá informação sobre os ambientes em que esse verbo pode ocorrer.” (Perini, 2009)

(2.1.1.1)

[V: ___ ___]	/ = [V] = /	[NP V NP SP]	ex.: ‘dar’ “X dar Y a Z”
[V: ___]	/ = [V] = /	[NP V NP]	ex.: ‘derrubar’ “X derrubar Y”
[V: ___]	/ [V] = /	[NP V]	ex.: ‘cair’ “X cair”
[V]	/ [V] / [V]		ex.: ‘chover’ “chover”

(2.1.1.2)

- | | | | |
|------------|---------|----------|---------------------|
| (a) A moça | quebrou | o vidro | com o guarda-chuva. |
| (b) A moça | deu | o casaco | para o menino. |

(c) A moça levou o menino ao parque.

(2.1.1.3)

- (a) A moça quebrou o vidro.
 (b) O menino acreditou na moça.
 (c) O menino mora na rua.

(2.1.1.4)

- (a) O menino fugiu.
 (b) Chegou um carro de bombeiro.
 (c) Houve uma grande confusão.

2.1.2 Noção de Papéis Temáticos

(2.1.2.1)

[V: ___-Agente, ___-Paciente, ___-Alvo]	ex.: 'dar'	"X-Ag dar Y-Pac a Z-Alvo"
[V: ___-Agente, ___-Paciente, ___-Instrumento]	ex.: 'quebrar'	"X-Ag quebrar Y-Pac com Z-Instr"
[V: ___-Agente, ___-Paciente]	ex.: 'derrubar'	"X-Ag derrubar Y-Pac"
[V: ___-Agente]	ex.: 'correr'	"X-Ag correr"
[V: ___-Paciente]	ex.: 'cair'	"X-Pac cair"

2.1.3 Noção de Estrutura Argumental

(2.1.3.2)

- (a) [NP [V [NP] [SP]]]
 (b) [NP [V [NP]]]
 (c) [NP [V]]

(2.1.3.3)

- I. A moça quebrou o vidro
- II. O calor derreteu a manteiga
- III. A manteiga derreteu com o calor
- IV. A manteiga derreteu
- V. A menina estragou o doce { 'estragar', V: __, __ }
- VI. O doce estragou { 'estragar', V: __ }
- VII. Estragou o doce { 'estragar', V: __, __ } / { 'estragar', V: __ }?
- O que aconteceu?* (f) – Estragou o doce { 'estragar', V: __ }
- O que a menina fez?* (f) – Estragou o doce { 'estragar', V: __, __ }

2.2 As "Relações Gramaticais" (*Domínio da Sentença*)

(2.2.1)

- (a) As meninas deram doces para os meninos { 'dar', V: ___-Ag, ___-Pac, ___-Alvo }
- (b) As meninas arrasaram os meninos { 'arrasar', V: ___-Ag, ___-Pac }
- (c) Os meninos arrasaram as meninas { 'arrasar', V: ___-Ag, ___-Pac }
- (d) As meninas estragaram os doces { 'estragar', V: ___-Ag, ___-Pac }
- (e) Os doces estragaram as meninas { 'estragar', V: ___-Ag, ___-Pac }

(2.2.2)

- (a) Puer puellam amat
 'menino-NOM menina-ACC ama'
 "O menino ama a menina"
- (b) Puella puerum amat
 'menina-NOM menino-ACC ama'
 "A menina ama o menino"
- (c) Puella ab puero amata est
 'menina-NOM por menino-ABL amada é'
 "A menina foi amada pelo menino"

(2.2.3)

- (a) A moça quebrou o vidro.
 (b) O vidro foi quebrado pela moça.
 (c) Foi a moça que quebrou o vidro.
 (d) Quem quebrou o vidro foi a moça
 (e) O vidro foi quebrado.

- (f) O vidro quebrou-se.
- (g) O vidro quebrou.

(2.3.4)

- (a) A mirisga junjou o tiruri
- (b) O tituri foi junjado pela mirisga
- (c) O tiruti junjou a mirisga
- (d) A mirisga foi junjada pelo tiruri

(2.3.5)

- (a) Comi o frango
- (b) Comeram o frango
- (c) Comeu o frango

(2.2.6)

- (a) Chove.
- (b) Llueve.
- (c) Piove.
- (d) Il pleut.
- (e) It rains.
- (f) Es regnet.

(2.2.6)

- (a) O vidro a moça quebrou
- (b) As meninas os meninos arrasaram
- (c) O doce estragaram

2.3. Outras Relações (*Domínio da Proposição*)

- “Frasas como {Os linguistas escrevem textos incompreensíveis} e {Todos os miúdos foram à festa} são predicções, ou seja, juízos que envolvem dois actos separados: “o acto de reconhecimento daquilo que vai ser o sujeito” e “o acto de afirmar ou negar o que é expresso pelo predicado acerca do sujeito”. Como se pode observar nos exemplos dados, a estrutura sujeito-predicado é homóloga da estrutura tópico-comentário. Mas ocorrem em português frases que exprimem juízos categóricos e que não existe coincidência entre as duas estruturas, como mostram os exemplos em [4] {Fruta, eu adoro melão}; {O Pedro, os miúdos vieram com ele da escola}, etc.” [Duarte, 2003: 317]

(2.3.1)

(a) {	[Os linguistas]-sujeito	[escrevem textos incompreensíveis]-predicado	}-proposição
(b) {	[A moça]-sujeito	[quebrou o vidro]-predicado	}-proposição
(c) { Fruta,	[eu]-sujeito	[adoro melão]-predicado	}-proposição
(d) { Pedro,	[os miúdos]-sujeito	[vieram com ele da escola]-predicado	}-proposição
(e) { Os doces	[as meninas]-sujeito	[estragaram]-predicado	}-proposição
(f) { Os doces	[as meninas]-sujeito	[estragaram __]-predicado	}-proposição
(g) { O doce	[]-sujeito	[estragaram __]-predicado	}-proposição

3. Em Resumo

- Nossa interpretação do sentido estabelecido pela relação entre os diferentes termos numa sentença mobiliza conhecimentos de natureza diversa: o conhecimento de “cada palavra” e seu sentido; da forma que as palavras devem tomar quando entram em relações com as outras; do contexto discursivo em que essas relações se estabelecem ...
- Assim, se tomarmos por domínio da Sintaxe a esfera da “relação entre os termos na frase”, veremos que o funcionamento da sintaxe mobiliza diversos níveis de conhecimento linguístico: “semânticos”, “formais” e “discursivos”.
- Diferentes teorias da linguagem irão valorizar alguns desses níveis mais que outros para descrever e explicar esse funcionamento, conforme trataremos em sessões futuras.
- Além disso, há a abordagem da “gramática tradicional”, em que as especificidades desses níveis são pouco explicitadas, e cujas definições conceituais agrupam funcionamentos semânticos, formais e discursivos de modo muitas vezes indiscriminado. Na próxima sessão iremos abordar esse problema, falando dos “termos da oração”.

4. Preparação para a próxima sessão

4.1 Exercício (II)

Sugira uma “análise sintática” para as sentenças (1) a (40) do Exercício (I) (repetidas abaixo), de acordo com os conhecimentos obtidos em sua experiência escolar. Você poderá recorrer às categorias e nomenclaturas que eventualmente já conheça para os “*termos da oração*” (tais como *Sujeito*, *Objeto Direto*, etc.- cf. ex. em [1]). Para cada uma das categorias que utilizar, ofereça uma definição, pesquisada em uma das seguintes obras:

-
- 📖 BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. R. de Janeiro: Editora Lucena.
 📖 CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira.
 📖 ROCHA LIMA, C. H. da (2003). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
-

Na próxima seção, iremos discutir as análises apresentadas, à luz da leitura recomendada em 3.2 abaixo.

- (1) [Eu]-“*sujeito*” [comi]-“*verbo*” [o frango]-“*objeto direto*”
- (2) Ele comeu o frango
- (3) Eles comeram o frango
- (4) O frango eu comi
- (5) O frango ele comeu
- (6) O frango eles comeram
- (7) Comi o frango
- (8) Comeu o frango
- (9) Comeram o frango
- (10) O frango comi
- (11) O frango comeu
- (12) O frango comeram
- (13) O menino quebrou o prato
- (14) O prato quebrou o menino
- (15) O prato o menino quebrou
- (16) O menino o prato quebrou
- (17) O prato foi quebrado pelo menino
- (18) O prato foi quebrado
- (19) O menino quebrou
- (20) O prato quebrou
- (21) Quebrou o menino
- (22) Quebrou o prato
- (23) As meninas arrasaram os meninos
- (24) Os meninos arrasaram as meninas
- (25) As meninas os meninos arrasaram
- (26) Os meninos as meninas arrasaram
- (27) Os meninos arrasaram
- (28) Arrasaram os meninos
- (29) As meninas estragaram os doces
- (30) Os doces estragaram as meninas
- (31) Os doces as meninas estragaram
- (32) As meninas os doces estragaram
- (33) As meninas estragaram
- (34) Os doces estragaram
- (35) Estragaram as meninas
- (36) Estragaram os doces
- (37) A menina estragaram
- (38) O doce estragaram
- (39) Estragaram a menina
- (40) Estragaram o doce

4.2 Leitura

-
- 📖 DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2007) Termos da Oração. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) Ensino de Gramática. Descrição e uso. São Paulo: Contexto. pp. 186-204.
 📖 DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). Predicação e Classes de Predicadores, In M.H.M Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
-

TÓPICO II:
Confrontando a abordagem tradicional com outras perspectivas, (i): Os “termos da oração”

📖 DUARTE, M.E.L. (2007) **Termos da Oração**. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) Ensino de Gramática. Descrição e uso. São Paulo. Editora Contexto. pp. 186-204.

1. Os núcleos da oração ou “predicadores”

“Todas as vezes que tentamos identificar os termos de uma oração que contenha um predicador verbal, como, por exemplo, “oferecer”, e perguntamos: “quem oferece”, “oferece o quê?”, “oferece a quem?” ou dizemos “alguém oferece alguma coisa a alguém”, estamos, na verdade, observando a estrutura argumental projetada pelo predicador ou, em outras palavras, estamos buscando entender qual é a seleção semântica que esse predicador faz”.

1.1 Os predicadores verbais e seus complementos

Os predicadores verbais podem projetar as seguintes estruturas:

(1) estruturas com 3 argumentos:

- a. Ele deu o dinheiro aos pobres.
- b. Eu dividi o pão com os pobres.
- c. Eu levei as crianças ao colégio

(2) estruturas com 2 argumentos:

- a. Ele matou o pássaro.
- b. Isso interessa aos alunos.
- c. Eles acreditam em você.
- d. Eles moram no Rio.

(3) estruturas com 1 argumento:

- a. As crianças pulam.
- b. Chegou uma encomenda.
- c. __ Houve muitas festas.

(4) estruturas sem argumento: __ Choveu

(1a) Ele deu-o / o deu aos pobres.

(1b) Eu dividi-o / o dividi com os pobres.

(1c) Eu levei-as / as levei ao colégio

(1a) Ele deu-lhes / lhes deu o dinheiro.

(1b) *Eu dividi-lhes o pão / Eu dividi o pão com eles.

(1c) Eu levei as crianças ao colégio / Eu levei as crianças lá.

(2a) O pássaro foi morto.

(1a) O dinheiro foi dado aos pobres.

(1b) O pão foi dividido com os pobres

(1c) As crianças foram levadas ao colégio.

(2a) O pássaro foi morto por ele.

(1a) O dinheiro foi dado aos pobres por ele.

(1b) O pão foi dividido com os pobres por ele.

(1c) As crianças foram levadas ao colégio por ele.

(2b) Isso interessa-lhe / lhe interessa.

(2c) *Eles acreditam-lhe / lhe acreditam.

2. O argumento externo

- (9a) Eles compraram [livros e cadernos].
 (9b) Eles deram presentes [aos pais e (aos) filhos].
 (9c) Eles pensam [em casar e (em) ter muitos filhos].

“Teríamos, então, uma proposta para classificar o sujeito que poderia ser assim delineada: (a) quanto à forma (estrutura), o sujeito pode vir expresso ou não expresso; (b) quanto à referência (seu conteúdo, seu valor semântico), o sujeito pode ter referência definida, indefinida ou não ter qualquer referência”:

Referência	Forma	
	Não expresso	Expresso
Definida	__ Fui/ __ Fomos/ __ Foram ao teatro. ontem.	Eu/Nós/As meninas/Elas foram ao teatro ontem
Indefinida	__ Roubaram as rosas do jardim.	Eles estão assaltando nesse bairro.
	__ Precisamos de ordem e progresso.	Nós precisamos de ordem e progresso.
	__ Não usa mais máquina de escrever.	A gente precisa de ordem e progresso.
	__ Vende apartamento.	Você vê muito comércio no centro.
Sem Referência	__ Choveu muito.	__
	__ Fez frio.	__
	__ Houve confusão.	__

- (10a) O João esteve aqui ontem. __ **Disse** que vai emigrar para Portugal.
 (10b) O João esteve aqui ontem. **Ele** disse que vai emigrar para Portugal.

“Os sujeitos de referência “indeterminada” são hoje preferencialmente “expressos” na fala, seja pelo pronome “eles” seja por “a gente” e principalmente por “você”. Há, entretanto, uma estrutura com o verbo na terceira pessoa do singular, capaz de indeterminar o argumento externo. Vejam-se os exemplos”:

- (11a) Não usa mais máquina de escrever.
 (11b) Vende apartamento.

“Sabemos que há um argumento externo mas não podemos identificá-lo.”

- (12a) __ Vive-**se** mal nas grandes cidades. (Quem vive mal?)
 (12b) __ Precisa-**se** de ordem e progresso. (Quem precisa de ordem e progresso?)

- (13a) Não **se** usa mais máquina de escrever.
 (13b) Vende-**se** apartamento.

- (14a) Não se usam mais [máquinas de escrever].
 (14b) Vendem-se [apartamentos].

“Podemos então concluir que o pronome “se” é sempre usado para indeterminar o argumento externo, seja numa construção ativa (em que o sujeito indeterminado é o próprio argumento externo) seja numa construção passiva (em que o argumento interno funciona como sujeito gramatical). A diferença, então, entre o uso de “se” apassivador e “se” indeterminador está na interpretação sintática que o usuário da língua dá ao argumento interno dos verbos transitivos diretos.”

- (15a) __ Não se **usa** mais [máquinas de escrever].
 (15b) __ **Vende-se** [apartamentos].

3. Os outros “termos”

3.1 Os adjuntos adverbiais

(18) [Ontem], [no centro da cidade], ele deu o dinheiro aos pobres [por causa de uma promessa].

3.2 “adjuntos adnominais”, “apostos”, “complementos nominais”...

(19) O mito da era Kennedy, do domínio encantado de um rei guerreiro e sábio, bonito e justo sobreviveu a todas as revisões de uma presidência discutível. (Veríssimo, O Globo, 21.07.99)

Quem sobreviveu?

[SN O **mito** da era Kennedy, do domínio encantado de um rei guerreiro e sábio, bonito e justo]

Sobreviveu a quê?

[SP a todas as revisões de uma presidência discutível]

[alguém] sobreviveu [a alguma coisa]

3. Resumo da abordagem de M.E. Duarte (2007)

GT (NGB)	GT (Rocha Lima)	Mateus <i>et alii</i> (2003)
Objeto Direto	Objeto Direto	Objeto Direto
Objeto Indireto	Objeto indireto (dativo) Complemento relativo	Objeto Indireto (dativo) Oblíquo nuclear
Agente da passiva	Agente da passiva	Oblíquo nuclear
Adjunto adverbial	Complemento Circunstancial Adjunto adverbial	Oblíquo nuclear Oblíquo não nuclear

- Sobre as implicações da organização dos termos na oração:

“Neste capítulo, tivemos a preocupação de rever os termos da oração, resgatando a tradição gramatical e chamando a atenção para uma análise que leve em conta a estrutura projetada pelo(s) predicador(es). Vimos que os predicadores verbais e nominais são os responsáveis pela projeção da oração, isto é, selecionam os argumentos. Articulam-se ainda aos predicadores os adjuntos adverbiais (ou oblíquos não nucleares). Não nos detivemos na forma pela qual as palavras se organizam em sintagmas e estes em orações e estas em períodos e estes no texto”.

Uma última palavra, porém, deve ser dita sobre essa arquitetura da oração. No momento em que as palavras se organizam em sintagmas e estes, em orações, estabelecem-se relações de concordância, de regência e de ordem. A concordância nominal e verbal deixa explícita a relação de dependência (subordinação) (a) entre os elementos que se articulam com o substantivo para determiná-lo, quantificá-lo ou modificá-lo e (b) entre o verbo e seu sujeito, respectivamente. O verbo, por sua vez, rege/comanda seu sujeito e seu objeto direto, atribuindo-lhes caso nominativo e acusativo, respectivamente, enquanto a preposição rege/comanda o SN que se encontra dentro de um SP. A ordem, que em nossas gramáticas fica em geral restrita à colocação dos clíticos (pronomes átonos) e é baseada até os dias atuais na ordem lusitana, ultrapassa esse fenômeno. Ela deveria tratar da ordenação dos elementos dentro do sintagma (a ordem do adjetivo, por exemplo, dentro do SN) e desses na oração (a ordem dos argumentos em relação ao seu predicador, a ordem dos adjuntos) e dessas no período”.

4. Preparação para a próxima sessão

Análise as sentenças tratadas no texto de M.E. Duarte a partir da consulta às seguintes gramáticas:

- 📖 BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. R. de Janeiro: Editora Lucena.
- 📖 CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira.
- 📖 ROCHA LIMA, C. H. da (2003). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

TÓPICO II:

Confrontando a abordagem tradicional com outras perspectivas, (ii): As Relações Gramaticais

DUARTE, Inês (2003). Relações Gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In MATEUS, M.H.M (Org.) Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 5ª ed. Capítulo 10 (pp.277-321)

1. Relações Gramaticais

“Um domínio sintático de predicação – i.e., uma oração – contém dois termos fundamentais: o predicado, o constituinte ou sequência de constituintes formado pelo predicador e pelo(s) seu(s) argumento(s) interno(s), e o sujeito, o constituinte que satura o predicado ou, por outras palavras, o argumento externo do predicador. [Ou seja: uma oração é o domínio sintático em que uma projeção máxima de natureza predicativa fica saturada mediante a existência de um sujeito]”

1.2 Sujeito

“Sujeito é uma das relações gramaticais centrais.”

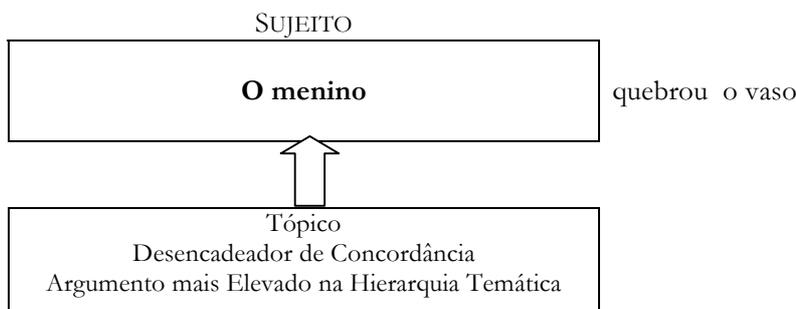
“Trata-se da relação gramatical do argumento do predicador a que é dada a maior proeminência sintática.”

“Nas frases básicas, o constituinte com a relação gramatical de sujeito ...

- é o argumento mais elevado na Hierarquia Temática (i.e. é o sujeito lógico da frase);
- é a expressão com a função de tópico (i.e., é o sujeito psicológico, ou seja, é o assunto acerca do qual se afirma, nega ou questiona o predicado);
- e é a expressão que desencadeia a concordância verbal (i.e., é o sujeito gramatical)”.

Exemplo...

‘O menino quebrou o vaso’



“Têm tipicamente a relação gramatical de sujeito final:

- (a) O argumento externo dos verbos transitivos e intransitivos
- (b) O argumento interno directo dos predicadores verbais inacusativos
- (c) O argumento externo do predicador secundário em frases copulativas”.

Exemplos...

- (a) [**O menino**]-SUJ quebrou o vaso
[**O menino**]- SUJ sorriu
- (b) [*As rosas*]- SUJ morreram
- (c) [**A moça**]- SUJ ficou triste

1.3 Objecto directo

1.4 Objecto indirecto

1.5 Predicativo do sujeito e predicativo do objecto directo

1.6 Relações gramaticais oblíquas

2. Resumo da abordagem de I. Duarte (2003)

3. Preparação para a próxima seção

Para a próxima seção você deverá revisar todos os pontos tratados até este ponto do curso (Tópicos I e II): inicialmente releia os resumos de aulas e os itens da bibliografia já recomendados (cf. lista abaixo). Em seguida, prepare o exercício abaixo.

Lembre-se de que na próxima seção, realizaremos uma atividade em sala para avaliação parcial do curso.

Itens da bibliografia que trabalhamos:

-
- 📖 BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. R. de Janeiro: Editora Lucena.
 - 📖 CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira.
 - 📖 DUARTE, M.E.L. (2007) Termos da Oração. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de Gramática. Descrição e uso*. São Paulo. Editora Contexto. pp. 186-204.
 - 📖 DUARTE, Inês (2003). Relações Gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In MATEUS, M.H.M (Org.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª ed. Capítulo 10.
 - 📖 DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). Predicação e Classes de Predicadores, In M.H.M Mateus et al (eds), *Gramática da língua portuguesa*. Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
 - 📖 PERINI, Mário Alberto (2009). *Por uma metodologia da descrição gramatical*. Em “Estudos de Gramática Descritiva: As valências verbais”. São Paulo: Parábola, pp. 13-36.
 - 📖 ROCHA LIMA, C. H. da (2003). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
-

Exercício de Avaliação I

Bibliografia:

- 📖 CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira.
- 📖 DUARTE, M.E.L. (2007) Termos da Oração. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) *Ensino de Gramática. Descrição e uso*. São Paulo. Editora Contexto. pp. 186-204.
- 📖 DUARTE, Inês (2003). Relações Gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In MATEUS, M.H.M (Org.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª ed. Capítulo 10.
- 📖 DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). Predicação e Classes de Predicadores, In M.H.M Mateus et al (eds), *Gramática da língua portuguesa*. Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
- 📖 PERINI, Mário Alberto (2009). *Por uma metodologia da descrição gramatical*. Em “Estudos de Gramática Descritiva: As valências verbais”. São Paulo: Parábola, pp. 13-36.
- 📖 ROCHA LIMA, C. H. da (2003). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Questões

- I. Explícite a grade argumental de cada uma das orações 1 a 55 do inventário abaixo.
 Em seguida, aponte o argumento que tem a função sintática de SUJEITO em cada oração.
 (*Responda esta questão no espaço disponível nas tabelas a seguir, depois de cada sentença, cf. exemplo*)

<p><u>Eu</u> fiz o exercício rapidamente <i>Sujeito</i></p>	<p>Argumentos: [Eu]; [o exercício]</p>
--	--

- II. As sentenças 1 a 55 estão divididas em seis grupos, A a F.
 (1) O que as sentenças em cada grupo apresentam em comum?
 (2) Você faria alguma subdivisão nas sentenças de algum/alguns dos grupos ? Qual/quais?
 (*Responda a questão II no espaço abaixo*)

A.

1. O rapaz gaguejou	
2. O bebê espirrou	
3. Ela sorriu	
4. Pedro viajou	
5. As crianças pulam	
6. O portão abriu sozinho	
7. O café esquentou demais	
8. O vaso de porcelana chinesa quebrou	
9. Meu mundo caiu	
10. A prova terminou	
11. O navio afundou	
12. A manteiga derreteu	
13. As crianças dormem	
14. A vítima do acidente desmaiou	
15. O chefe do cartel de droga morreu	

B.

16. O carteiro abriu o portão	
17. A Maria esquentou o café	
18. O estudante terminou a prova	
19. A esquadra inimiga afundou o navio	
20. Os linguistas escrevem textos incompreensíveis	
21. Alguns autores defendem essa hipótese	
22. Os atletas comeram bife grelhado ontem à noite	
23. A polícia prendeu os manifestantes	
24. Daniela vendeu o carro	
25. O Sérgio rasgou meu casaco	
26. Carlos sofreu um acidente	
27. Ela invejava os homens	
28. O João acredita em fantasmas	
29. Os meninos temem a tempestade	
30. O Pedro adorou o teu presente	

31. Eles presenciaram uma cena de perseguição	
32. O sol murchou as plantas	
33. A trovoada assustou as crianças	
34. O calor derreteu a manteiga	
35. A faca abriu a lata	
36. Isso interessa aos alunos	
37. Eles acreditam em você	

C.

38. A jornalista contou a novidade aos amigos	
39. Eu levei as crianças ao colégio	
40. Eu dividi o pão com os pobres	
41. A cozinheira abriu a lata com uma faca	
42. O cirurgião retirou uma agulha do estômago do doente	
43. O professor guardou na pasta os trabalhos que os alunos lhe entregaram	
44. Ontem, no centro da cidade, ele deu o dinheiro aos pobres por causa de uma promessa	

D.

45. Apagaram a luz	
46. Mataram um pobre bugio na caçada	
47. Roubaram as rosas do jardim	
48. Mataram um guarda	
49. Comi uma pizza	
50. Vou ver o doente	

E.

51. O caçador foi ferido por um galho	
52. Nossa casa foi construída por esse engenheiro	
53. Os cartagineses foram vencidos pelos romanos	

F.

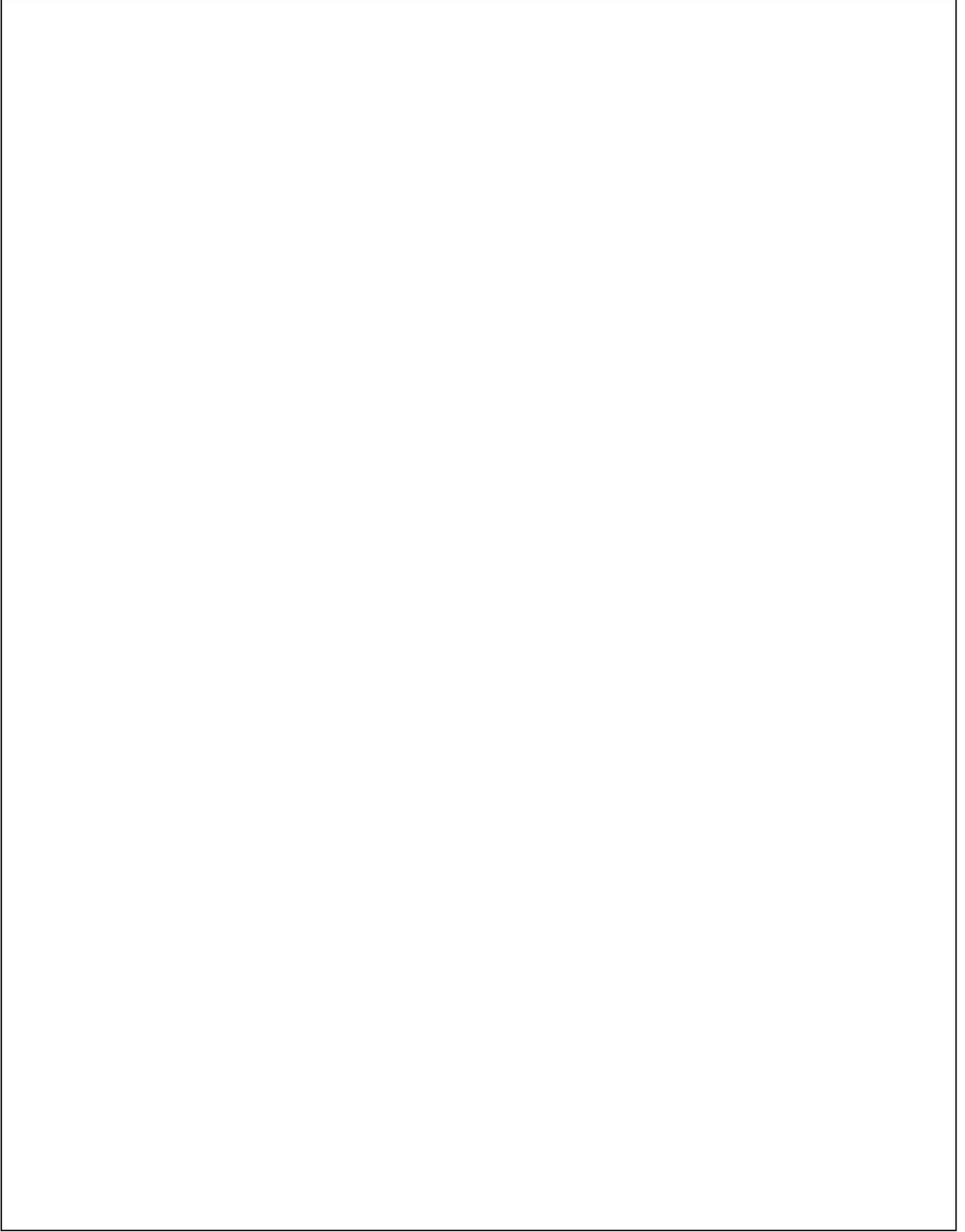
54. O carro, Daniela vendeu	
55. Meu casaco, o Sérgio rasgou	

III. Nesta primeira parte do curso, vimos dois tópicos:

I. *A sintaxe: delimitação de um campo de estudos*

II. *Confronto da abordagem tradicional com outras perspectivas (Termos da Oração e Relações Gramaticais)*

Deixe no espaço do verso desta folha sua avaliação do curso até este ponto.



Referências dos exemplos

A.

1. Inês Duarte	189
2. Inês Duarte	300
3. Inês Duarte	300
4. Cunha e Cintra	517
5. M. E. Duarte	
6. Borba	239
7. Borba	241
8. Borba	123
9. Borba	114
10. Inês Duarte	306
11. Inês Duarte	306
12. Inês Duarte	197
13. Inês Duarte	300
14. Inês Duarte	300
15. Inês Duarte	300

B.

16. Borba	239
17. Borba	241
18. Inês Duarte	306
19. Inês Duarte	306
20. Inês Duarte	316
21. Inês Duarte	316
22. Inês Duarte	187
23. Inês Duarte	188
24. Perini	30
25. Perini	35
26. Borba	248
27. Cunha e Cintra	136
28. Inês Duarte	186
29. Inês Duarte	189
30. Inês Duarte	298
31. Inês Duarte	298
32. Borba	247
33. Inês Duarte	187
34. Inês Duarte	197
35. Borba	263
36. M. E. Duarte	
37. M. E. Duarte	

C.

38. Inês Duarte	277
39. M. E. Duarte	
40. M. E. Duarte	

41. Borba	263
42. Inês Duarte	297
43. Inês Duarte	285
44. M. E. Duarte	

D.

45. Borba	243
46. Borba	243
47. M. E. Duarte	
48. Rocha Lima	206
49. Perini	32
50. Cunha e Cintra	137

E.

51. Borba	260
52. Rocha Lima	223
53. Rocha Lima	224

F.

54. Perini	30
55. Perini	35

Planejamento da segunda parte do curso

TÓPICO III: Introdução a uma abordagem formal da gramática

1. Teoria X-barras (ou: dos Constituintes Sintáticos)
2. Teoria Temática (ou: da Estrutura Argumental)
3. Teoria do Caso (ou: das Relações Gramaticais)

TÓPICO IV: Aspectos da Sintaxe do Português Brasileiro

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

1. Teoria X-barra (ou: dos Constituintes Sintáticos)

Objetivos desta seção

- Introduzir a noção de constituinte sintático segundo a gramática gerativa
- Introduzir o conceito de representação formal intensional
- Delinear os conceitos básicos de formação da estrutura sintática: núcleo, complemento, especificador; níveis abstratos (X'); projeção máxima (XP).

0. Sobre a Representação Formal Intensional

A formalização da estrutura da sentença em uma representação “arbórea” tem por espírito capturar formalmente os diferentes processos configuracionais que permitem a relação gramatical entre os constituintes:

- (a) Ela é construída em diferentes “níveis” (nós) para capturar diferentes funções gramaticais (como a predicação e a argumentalidade; a flexão; a modularidade).
- (b) Ela é configurada em nós binários e hierarquicamente distribuídos para capturar relações hierárquicas (como a complementação).
- (c) Ela é geométrica e se configura em fases para capturar as propriedades de manutenção da interpretabilidade depois dos processos de deslocamento.

O espírito desta formalização é *ex-plicar* as categorias mínimas que precisam estar configuradas para que a língua funcione.

A base dessa formalização é *intensional*, ou seja, a idéia é capturar a “receita” da gramática:

- O que é uma representação *extensional*? “Números Pares”: {2, 4, 6, 8, 10 ... }
- O que é uma representação *intensional*? “Números Pares”: {x : x=2y, onde y um número inteiro}

1. Os “Constituintes Sintáticos” – noção de Sintagma ou *Phrase*

(1) “O policial viu a velha com o binóculo”

(a) O policial viu [a velha com o binóculo]

Quem o policial viu?

Foi a velha com o binóculo que o policial viu

A velha com o binóculo, o policial viu

O policial viu a velha com o binóculo com uma luneta.

(b) O policial viu [a velha] [com o binóculo]

Quem o policial viu com o binóculo?

Foi a velha que o policial viu com o binóculo

A velha, o policial viu com o binóculo

** O policial viu a velha com o binóculo com uma luneta.*

A intuição tradicional sobre a ambiguidade das estruturas envolvidas em cada uma das sentenças (superficialmente idênticas) acima pode ser assim resumida:

- em (a), o predicador [viu] estabelece uma relação de complementação, com o sintagma [a velha com o binóculo], que tematicamente é o “alvo” (Quem ele viu? A velha com o binóculo).
- Em (b), o predicador [viu] estabelece duas relações de complementação: uma com o sintagma [a velha], outra com o sintagma [com o binóculo]. Em termos temáticos, [a velha] é o “alvo”, (Quem ele viu? - A velha) [(com) o binóculo] é o “instrumento” (Com que ele viu? - Com o binóculo).

Será possível capturar formalmente a configuração estrutural que permita o estabelecimento dessas duas diferentes relações de predicação? Vamos começar com a questão da captura da distribuição dos constituintes em cada uma das sentenças. Na sentença (a) reconhecemos, no predicado [viu a velha com o binóculo], dois constituintes maiores (o “verbo” e seu único complemento). Na sentença (b) reconhecemos, no predicado [viu a velha com o binóculo], três constituintes maiores (o “verbo” e seus dois complementos):

(2) “O policial viu a velha com o binóculo”

(a) [viu a velha com o binóculo] = viu [a velha com o binóculo]

(b) [viu a velha com o binóculo] = viu [a velha] [com o binóculo]

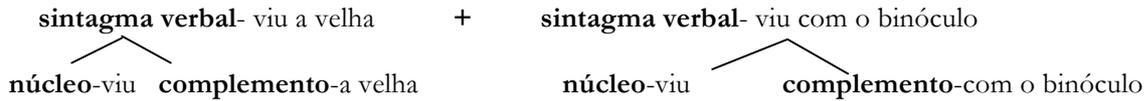
viu a velha com o binóculo

Mas nessa representação, parece que perdemos alguma coisa: perdemos a idéia da dupla relação entre [viu] e [a velha], e [viu] e [com o binóculo], como relações de complementação (que conseguimos representar como [viu [a velha][com o binóculo]]. Ou seja, a representação com três ramos não captura as relações de complementação, que são duas: entre viu e a velha, e entre viu e o binóculo.

Ou seja, há uma idéia abstrata de “ver” com esses dois complementos, como se a sentença fosse:

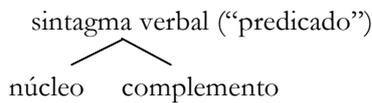
[viu [viu [a velha]] [viu [com o binóculo]]]. Será que isso poderia ser representado em duas vezes?

(9)



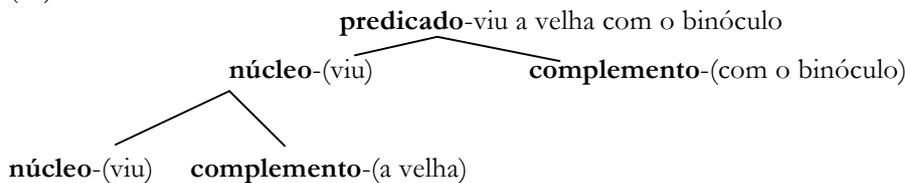
Isso não corresponde ao fato de que [viu [a velha] [com o binóculo]] constitui um único sintagma verbal, um único predicado, ainda que um predicado que envolve dois complementos. Então precisamos garantir que a relação de complementação de [viu] com [a velha] e com [o binóculo] forme um predicado apenas. Sugerimos acima, entretanto, que cada relação núcleo-complemento deveria formar um constiuinte maior:

(10)



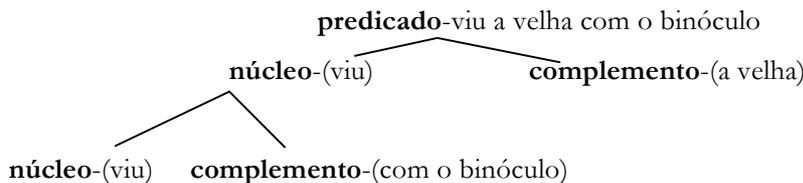
Então a solução é capturar formalmente a intuição que está presente na nossa interpretação de : o núcleo [viu] “se desdobra” em dois para estabelecer suas complementações ([viu [viu [a velha]] [viu [com o binóculo]]]):

(11)



Poderia ser o contrário?

(12)



A representação acima não captura bem as duas qualidades distintas das relações de complementação estabelecidas por [viu] com [a velha] e com [o binóculo]. Como vimos na parte I do curso, os verbos podem selecionar seus complementos “diretamente” e “indiretamente”. Na sentença que estamos estudando, [a velha] estabelece a relação de complementação diretamente, e [o binóculo], indiretamente, com a “ajuda” da preposição [com]. Mais adiante (*Teoria do Caso*) vamos examinar esse fenômeno mais de perto. Aqui apenas consideramos que os complementos “diretos” devem ser representados na posição de complemento imediato do núcleo lexical, e os “indiretos” na posição de complemento do núcleo abstrato ou “intermediário”:

(13)



núcleo (viu) **Constituinte Complemento Direto** (a velha)

Nesse caso, portanto, a relação de complementação para “com o binóculo” se estabelece com um núcleo abstrato (que toma todos os traços abstratos do núcleo, e por isso interpretamos que “viu com o binóculo”). A relação de complementação com “a velha” se estabelece com o núcleo lexical “ver”. Como sabemos que não é o contrário? Porque a relação de complementação de “a velha” se dá diretamente, sem a necessidade de uma preposição.

Até aqui, portanto, sugerimos representações possíveis para os sintagmas verbais [viu [a velha com o binóculo]] e [viu [a velha] [com o binóculo]] .

Mas como buscamos uma formalização *intensional* (ou seja: que pretende capturar uma generalização racional dos mecanismos, não uma descrição contingencial), essa representação deve adquirir uma função axiomática. A “representação axiomática” (em contraste com uma “representação contingencial”), aqui, remete à idéia de que na teoria gerativa da gramática, uma formalização como (X) acima não tem como propósito “descrever” a frase [viu a velha com o binóculo], mas sim representar todas as possibilidades de se formarem frases na língua portuguesa e em todas as línguas naturais. É a isso, centralmente, que se refere a qualidade de representação “intensional”: a idéia é procurar formular a “receita” do bolo, e não descrever o bolo, nem oferecer um pedaço do bolo.

1.1 A Teoria X-Barra

“A teoria X-barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença”. (Miotto, 2004: 49)

“O que há de interessante na teoria X-barra é justamente a possibilidade de captar a relação sintática entre os elementos que compõem um constituinte” (Miotto, 2004: 53)

Para estendermos nossas constatações sobre o predicado [viu a velha com o binóculo] numa direção axiomática, precisamos parar de nos referir às instâncias particulares como [viu], [a velha], [com o binóculo], e passar a manipular as propriedades funcionais desses objetos, enquanto categorias gramaticais. Precisamos começar a falar em que tipos de constituintes gramaticais: [viu a velha com o binóculo] é um sintagma verbal, pois seu núcleo é um verbo (viu); [a velha com o binóculo] e [a velha] são sintagmas nominais, pois seus núcleos são nomes; [com o binóculo] é um sintagma preposicional, pois seu núcleo é uma preposição:

(14)

(a) SINTAGMA VERBAL: [viu a velha com o binóculo]
 NÚCLEO: V [viu]

A idéia central é: os sintagmas são constituintes gramaticais formados pela projeção dos seus núcleos. Em outros termos: os núcleos (X⁰) projetam sintagmas (=constituintes frásicos). O termo “projetar” vem da idéia de que o “tijolo básico” de cada sintagma empresta seus traços abstratos (traços nominais, verbais,...) para o sintagma formado por ele.

“O esquema X-barra capta uma propriedade importante dos sintagmas que é o fato de eles serem endocêntricos. Isso significa que uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X: as propriedades do núcleo são preservadas em cada projeção”. (Miotto, 2004: 53).

“[A teoria X-barra] não considera a função que um determinado elemento desempenha sintaticamente e sim a sua categoria e as relações que se estabelecem, sempre a partir de um núcleo” (Miotto, 2004: 53)

Isso deve valer para todo e qualquer constituinte, já que esta é uma formalização axiomática. Para que essa formalização axiomática funcione, é preciso tomar algumas decisões de implementação. A primeira e mais importante delas é decidir que núcleos são os mais relevantes para classificar cada sintagma. Uma consequência importante desse ramo de discussão na teoria é a proposta de que um sintagma nominal é apenas uma parte subordinada (ou seja, hierarquicamente inferior) de um sintagma determinante. Teríamos então:

(15) [a [velha]], onde: SINTAGMA DETERMINANTE-[D-a SINTAGMA NOMINAL-[N-velha]]

Na teoria gerativa, em vez de usarmos os termos portugueses Sintagma; Nominal; Verbal; Preposicional, usam-se os termos em inglês; e costumeiramente, abreviam-se estes termos:

Phrase para Sintagma, e:

Verbal Phrase para Sintagma Verbal, **VP**
Determiner Phrase para Sintagma Determinante, **DP**

Name Phrase para Sintagma Nominal, **NP**
Prepositional Phrase para Sintagma Preposicional, **PP**

Cada um desses diferentes núcleos lexicais, portanto, irá “projetar” diferentes constituintes sintáticos:

(16)

[VP [V]] (= *um núcleo V forma um constituinte VP*)
 [DP [D]] (= *um núcleo D forma um constituinte DP*)
 [NP [N]] (= *um núcleo N forma um constituinte NP*)
 [PP [P]] (= *um núcleo P forma um constituinte PP*)

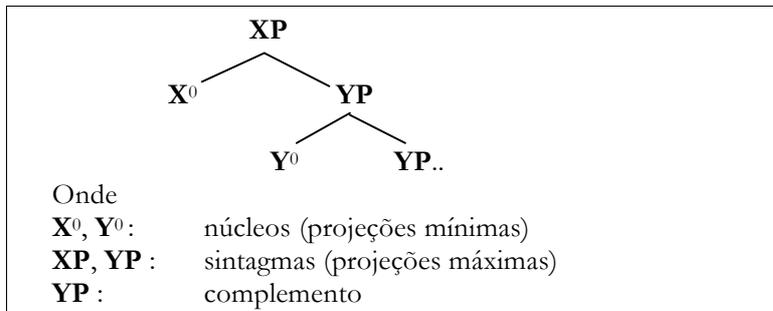
Ou seja, na representação arbórea:

(17)



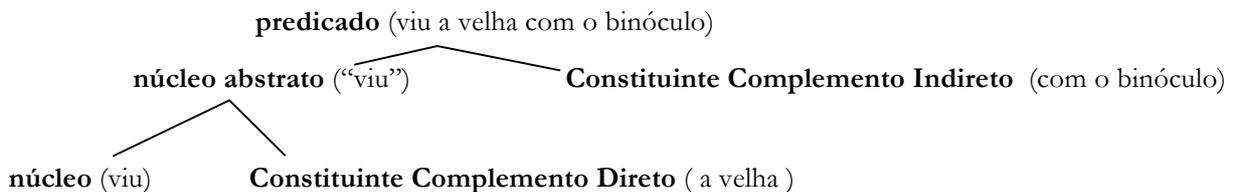
Agora já nos aproximamos melhor de uma representação axiomática, tomando as variáveis X, Y como representativas de “uma categoria dada qualquer”:

(19)



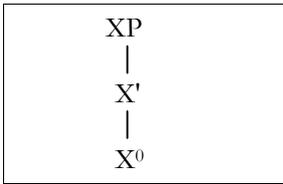
Aprendemos até aqui que podem haver projeções máximas e mínimas. As projeções mínimas ou núcleos podem ser representadas como X⁰; e as projeções máximas ou sintagmas podem ser representadas como XP (P por *Phrase*). Os sintagmas podem ser compostos por núcleos e complementos. Aliás: um sintagma, como vimos, pode conter mais de um complemento. Foi o caso do sintagma verbal [viu a velha com o binóculo], que representamos inicialmente assim:

(20)



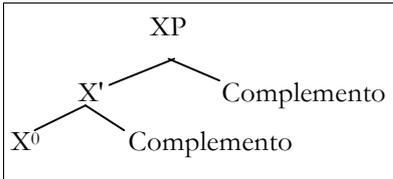
Naquele momento consideramos que na interpretação [viu [a velha] [com o binóculo]] há a necessidade de representar um nível intermediário ou abstrato para o núcleo [viu]. Se queremos que essa idéia se estenda para nossa representação axiomática, temos que encontrar uma maneira de representar, universalmente, esse “núcleo abstrato”. Já que consideramos que os “núcleos abstratos” tem todas as propriedades abstratas do núcleo, vamos dizer que são nada mais que um outro nível de representação do núcleo: dado o núcleo X⁰, esse nível intermediário será X¹ (V⁰ - V¹, N⁰ - N¹, etc):

(21)



Não vamos esquecer da motivação por trás da ideia dessa camada intermediária na representação dos sintagmas: ela serve para representar os casos em que um núcleo estabelece mais de uma relação de complementação, de modo que cada relação de complementação fique representada binariamente, entre os níveis mínimo e intermediário, chegando a constituir o nível máximo. Portanto:

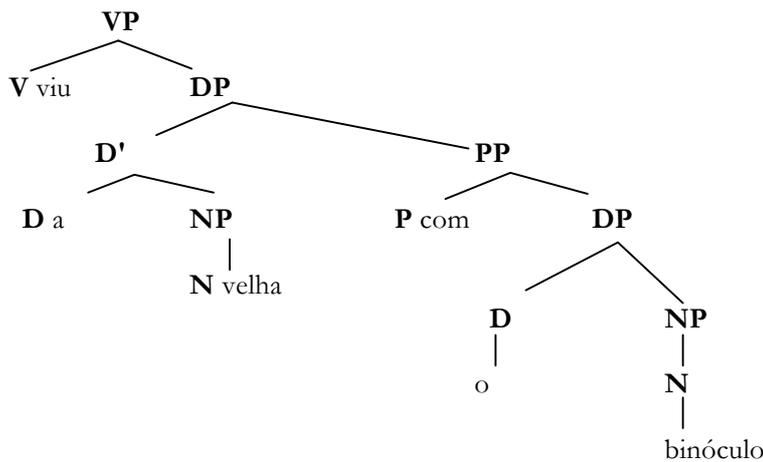
(22)



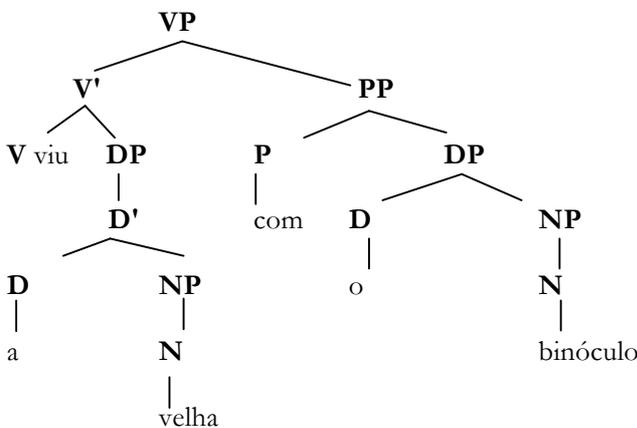
Será que com isso já podemos chegar a uma representação abstrata interessante para a frase? Vamos tentar, por exemplo, representar a frase verbal [viu a velha com o binóculo] nas duas interpretações, com esses elementos notacionais (X⁰ para núcleos, X' para projeções intermediárias, XP para projeções máximas):

(23)

(a) [VP N-viu [DP D-a [NP N-velha] [PP P-com [DP D-o [NP N-binóculo]]]]



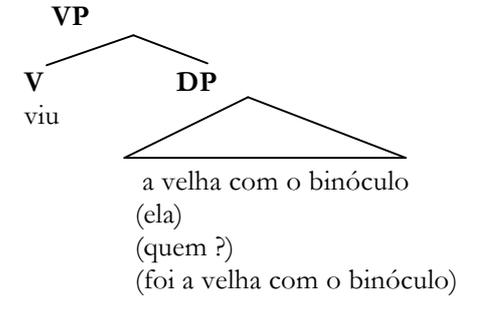
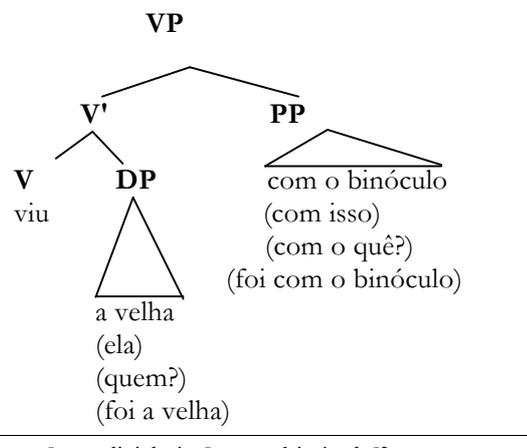
(b) [VP N-viu [DP D-a [NP N-velha]] [PP P-com [DP D-o [NP N-binóculo]]]



Vamos ver agora que essas representações dão conta dos testes que propusemos mais acima para identificar os constituintes maiores naqueles exemplos (deslocamentos, perguntas, clivagem). Podemos mudar o termo “constituintes maiores” para “projeções máximas”; vamos ver portanto como as projeções máximas em posição de

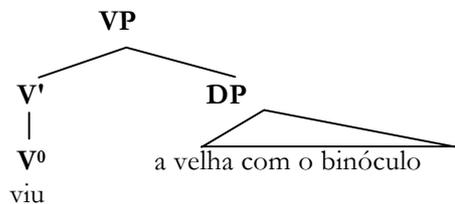
complementos ([DP a velha com o binóculo] de um lado, e [DP a velha] [PP com o binóculo] de outro lado) se comportam em cada caso:

(24)

[viu [DP a velha com o binóculo]]	[viu [DP a velha] [PP com o binóculo]]
	
<p>[Quem] o policial viu? Foi [a velha com o binóculo] que o policial viu [A velha com o binóculo], o policial viu O policial viu [a velha com o binóculo] com uma luneta.</p> <p>[DP] o policial viu? Foi [DP] que o policial viu [DP], o policial viu O policial viu [DP] com uma luneta.</p>	<p>[Quem] o policial viu [com o binóculo]? Foi [a velha] que o policial viu [com o binóculo] Foi [com o binóculo] que o policial viu [a velha] [A velha], o policial viu [com o binóculo] [Com o binóculo], o policial viu [a velha] * ... viu [a velha] [com o binóculo] com uma luneta.</p> <p>[DP] o policial viu [PP]? Foi [DP] que o policial viu [PP] Foi [PP] que o policial viu [DP] [DP], o policial viu [PP] [PP], o policial viu [DP] *.O policial viu [DP] [PP] com uma luneta.</p>

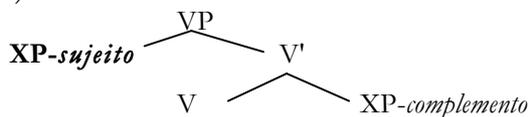
Mais adiante, vamos voltar a esses testes, pois eles nos revelam outras coisas interessantes sobre a estrutura da frase e sua representação: por exemplo, revelam que a interpretação dos complementos do verbo, em (a) e em (b) acima, está garantida em todas as formas que transformamos a sentença. Ou seja, mesmo deslocando, clivando, transformados em perguntas, os complementos continuam sendo interpretados como complementos. Isso indica que as características básicas das estruturas (a) e (b) acima são preservadas no curso das transformações da sentença. Neste exato momento, em que exploramos a questão puramente representacional, vale ressaltar outro ponto. Ao voltarmos aos nossos testes sobre a sentença [O policial viu a velha com o binóculo], estamos revendo um participante da predicação que havíamos deixado de lado: o “sujeito”, [O policial]. Nossa representação, até aqui, previu configurações estruturais para a relação entre os núcleos e seus complementos, mas não previu uma configuração para a relação entre o núcleo V e o constituinte “sujeito”. Vamos voltar ao predicado mais simples, [viu [a velha com o binóculo]]; ele se estruturava assim:

(25)

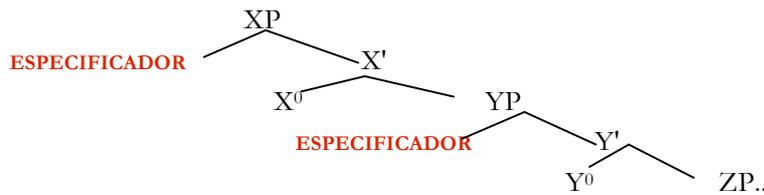


Como vamos capturar agora a participação do *sujeito*? Vimos na primeira parte do curso que o “sujeito” é “um dos argumentos do verbo”, ou seja, o núcleo V deve estabelecer alguma relação estrutural com o DP sujeito, assim como estabelece com o DP complemento. Na teoria gerativa, considera-se que os sintagmas, além de uma posição para complementos, apresentam uma posição de *especificadores*:

(26)



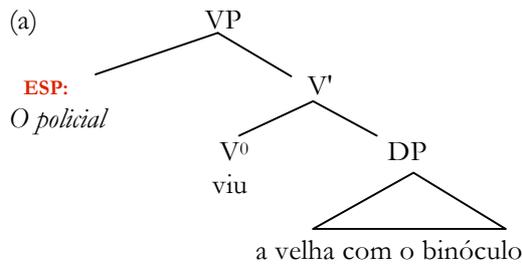
(27)



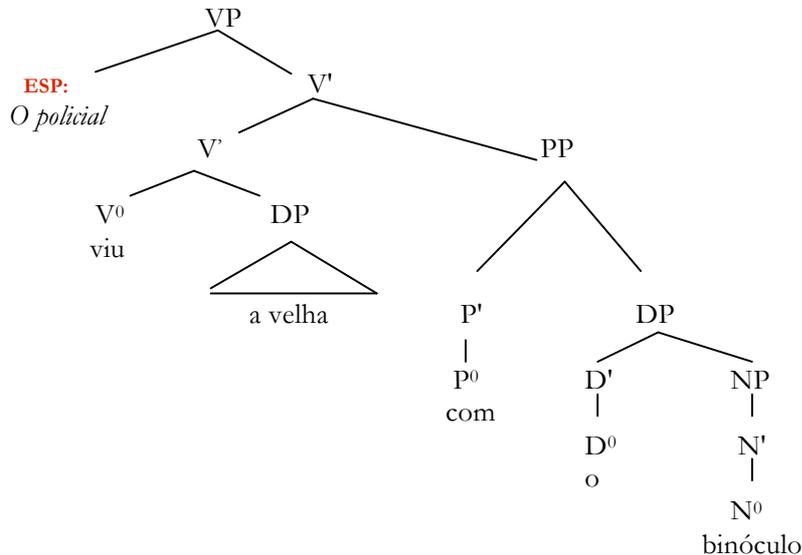
Como essa representação axiomática se encaixaria em (X) acima?

(28)

(a)



(b)



Vimos a proposta básica de estruturação da sentença em constituintes, e a representação formal para essa estruturação. Vimos que um constituinte sintático – XP – é formado pela projeção de uma estrutura de complementação e especificação de seu núcleo. Vimos como se constroem essas projeções de um modo geral: um núcleo X rege diretamente seu complemento e é comandado pelo seu especificador. Vimos brevemente alguns tipos de núcleos – os principais entre os chamados “núcleos lexicais”.

O próximo passo será compreender mais detalhadamente os diferentes núcleos, para estudar a formação da sentença, incluindo uma diferenciação entre dois tipos básicos – núcleos lexicais e funcionais – e a relação entre os constituintes sintáticos XP entre si.

(29)

--	--	--	--

As Categorias que vimos até agora foram V, D, N, P. Todas são lexicais e fáceis de defender. Entretanto, a frase abstrata é composta por outras categorias além das lexicais. Nos nossos exemplos, lidamos com essas quatro categorias brevemente, dentro do plano da predicação – ou seja, plano de VP, a frase verbal. Nesse plano, como vimos, são projetadas (representadas estruturalmente) as relações argumentais entre o núcleo V e seus argumentos,

de acordo com o critério temático (que veremos com detalhe em *Teoria Temática*). Não vimos ainda como dar conta de outras relações gramaticais: as relações de flexão e concordância, as relações de complementização, asserção...

(30)

- (a) O policial viu a velha com o binóculo
- (b) O policial tinha visto a velha com o binóculo.
- (c) O policial não viu a velha com a luneta.
- (d) A velha foi vista com o binóculo.
- (e) O policial disse que viu a velha com o binóculo.
- (f) Quem viu a velha com o binóculo?
- (g) Quem o policial viu com o binóculo?

VP – o plano da estruturação argumental (V corresponde a um item lexical)

IP – o plano da estruturação de *Tempo, Modo, Caso, ... Flexão* (I pode corresponder a um item lexical (*tinha visto*))

CP – o plano da estruturação da asserção e complementização (C pode corresponder a um item lexical (*que*))

Na nossa próxima sessão iremos nos concentrar na formação da sentença no plano do sintagma verbal, ou seja, VP. Para isso precisaremos revisar o que já vimos na primeira parte do curso sobre argumentos e seus papéis temáticos.

Consolidação desta seção

Leitura:

 MIOTO, Carlos, et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular

Preparação para a próxima sessão

(tema da sessão: *Teoria Temática*)

Leituras:

-
-  PERINI, Mário Alberto (2009). *Papéis Temáticos*. Em “Estudos de Gramática Descritiva: As valências verbais”, Cap. 7. São Paulo: Parábola.
 -  DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). *Predicação e Classes de Predicadores*. Em: M.H.M Mateus et al (eds), “Gramática da língua portuguesa”. Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
 -  BORBA, Francisco da Silva (Org. 1990). *Introdução*. Em: “Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil”. Araraquara: Editora da Unesp.
-

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA
2. Teoria Temática (A)

 MIOTO, Carlos, et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular

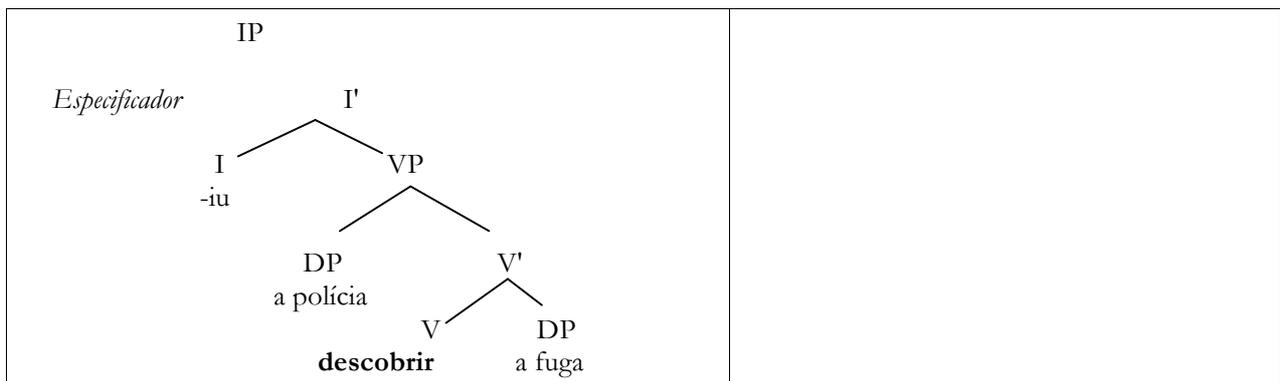
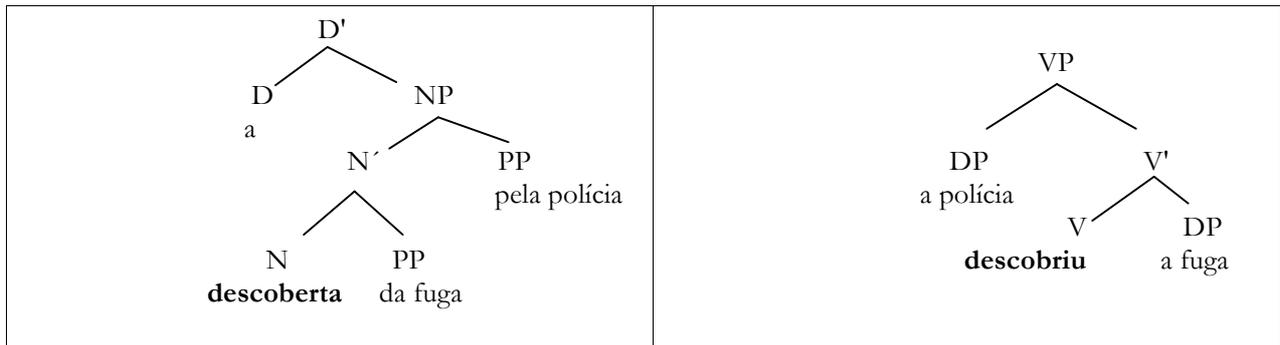
A. Teoria Temática em Miotto (2004)

- (1) “a derivação das sentenças começa com o acesso ao léxico mental, isto é, o conjunto de elementos que temos em nossas cabeças quando somos falantes nativos de uma língua”. (Miotto: 84)
- (2) O léxico mental possui informação categorial: fuga, polícia, descoberta / fuga, polícia, descobrir:
- (a) {descoberta } = +N, -V;
 A [N **descoberta**] da fuga pela polícia na semana passada/
 * A polícia [N **descoberta**] (d)a fuga na semana passada
- (b) {descobrir } = - N, +V;
 * A [V **descobriu**] (d)a fuga pela polícia na semana passada/
 A polícia [V **descobriu**] a fuga na semana passada
- (3) O léxico mental possui informação sobre a seleção semântica:
- (c) A [**descoberta**] da fuga pela polícia na semana passada/
 (?) A [**descoberta**] da polícia pela fuga na semana passada.
- (d) A polícia [**descobriu**] a fuga na semana passada/
 (?) A fuga [**descobriu**] a polícia na semana passada.
- (3) O léxico mental possui informação sobre a seleção argumental:
- (e) A polícia [**descobriu**] a fuga na semana passada/
 (?) A fuga [**descobriu**] a polícia na semana passada.
- (4) O marido apanhou da mulher; [**apanhar**]:
- (5) apanhar:
- (a) categoria: [-N, +V]
 (b) argumentos: [___ , ___]
 (c) c-seleção: [DP, PP]
 (d) s-seleção: [paciente, agente]
- (6) Principais Papéis Temáticos (Radford 1988, cf. Miotto 1999):
- (a) **tema/paciente** A Claudia estapeou a Maria
 (b) **agente** A Claudia estapeou a Maria
 (c) **experienciador** A Maria sentiu dor
 (d) **benefactivo** O João comprou flores para a Maria
 (e) **instrumento** O João abriu a porta com a chave
 (f) **locativo** O João pôs o livro na estante
 (g) **objetivo** O João passou o café para a Maria
 (h) **fonte** O João veio de Camanducaia
- (7) Os núcleos seleccionam todos os papéis temáticos?
- (8) Que tipos de estruturas tomam os argumentos?
- (a) [A **descoberta** da fuga] pela polícia

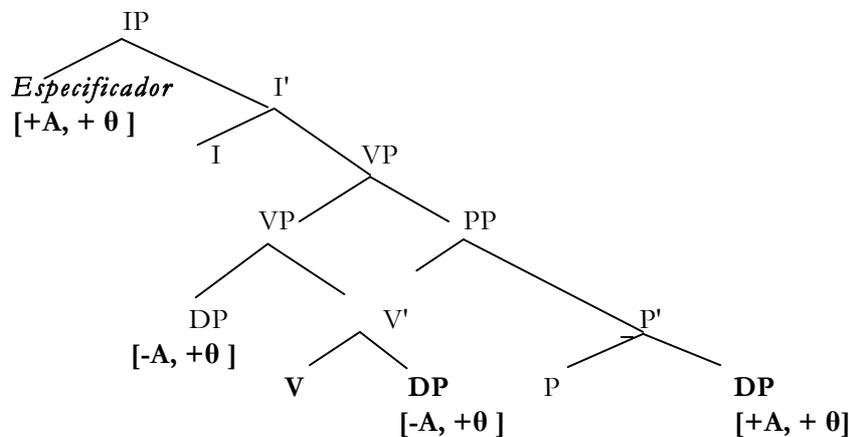
(b) A polícia [**descobriu** a fuga]

(a) A [**descoberta** da fuga] pela polícia

(b) A polícia [**descobriu** a fuga]



(9) Posições possíveis para elementos- θ e para argumentos



Critério Teta, Chomsky (1981)
Hierarquia dos Papéis Temáticos

(10) Thematic Hierarchy, Larson (1988:382)

Agent > Theme > Goal > Obliques (manner, location, time, ...)

If a verb α determines θ -roles $\theta_1, \theta_2, \dots, \theta_n$, then the lowest role on the Thematic Hierarchy is assigned to the lowest argument in constituent structure, the next lowest role to the next lowest argument, and so on

Bibliografia Complementar :

Baker, M.C. (1997). Thematic roles and syntactic structure. In M.C. Baker (ed), Elements of grammar: Handbook of generative syntax. Dordrecht: Kluwer

Reinhart, T (2002). The Theta System: An Overview. Theoretical Linguistics 28(3), pp. 229-290.
<<http://www.let.uu.nl/~Tanya.Reinhart/personal/Papers/pdf/overview-final-with%20new%20intro.pdf>>

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA
2. Teoria Temática (B)

 DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). *Predicação e Classes de Predicadores*. Em: M.H.M Mateus et al (eds), "Gramática da língua portuguesa". Capítulo 7. Lisboa: Caminho.

B. Predicação e Classes de Predicadores Verbais (Duarte & Brito, 2003)

1. Noção de predicador e argumento

“argumentos verdadeiros”

- | | | |
|-----------------------------|---------------------------|---------------|
| (a) [Os atletas] treinaram | | ontem à noite |
| (b) [Os atletas] partiram | [para Estocolmo] | ontem à noite |
| (c) [Os atletas] comeram | [bife grelhado] | ontem à noite |
| (d) [Os atletas] ofereceram | [camisolas] [aos adeptos] | ontem à noite |

“argumentos por defeito”

- (a) O Paulo gravou o ficheiro *num CD*.
 (b) O arquitecto construiu a marquise *com tijolos de vidro*.
 (c) O João fotografou a namorada *a preto e branco*.
 (d) O cozinheiro untou a forma *com banha*.

argumentos sombras

- (a) Chovia *uma chuva miudinha*.
 (b) A vítima chorou *lágrimas de raiva*.
 (c) Dormimos *um sono reparador*.
 (d) Os guerreiros dançam *uma dança frenética* à volta de um totem.
- (a) Hoje amanheceu às 5h43m.
 (b) [A Maria] gritou, porque teve um pesadelo.
 (c) [O Boavista] venceu [o campeonato] em 2001.
 (d) [O Pedro] emprestou [os apontamentos de Física] [ao João].
- (a) * [A Maria] amanheceu às 5h43min.
 (b) * [A Maria] gritou um pesadelo.
 (c) * [O Pedro] emprestou.

- (a) [SN O João] acredita [SP em fantasmas] / *[SN fantasmas]
 (b) [SN A Rita] mora [SP em Londres] / *[SN Londres]
 (c) [SN A Maria] distribuiu [SP os livros repetidos] [SP pelos amigos]

- (a) [SN O criminoso] assassinou [SN os três automobilistas]
 (b) [SN A trovoada] assustou [SN as crianças]
 (c) [SN O João] pôs [SN o livro] [SP na estante]

- (a) * [SN A tempestade] assassinou [SN três automobilistas]
 (b) * [SN A trovoada] assustou [SN o telhado]
 (c) * [SN O João] pôs [SN o livro] [SP para a estante]

2. Especificação lexical dos predicadores: grade temática

papéis temáticos

- | | | | |
|----------------------------|-------------------|----------|---------------------------|
| (a) Agente: | <i>A Maria</i> | guiou | o jipe. |
| (b) Fonte: | <i>O vento</i> | partiu | o vidro da janela. |
| (c) Experienciador: | <i>Os meninos</i> | temem | a tempestade. |
| (d) Locativo: | <i>O Luís</i> | mora | <i>em Paris</i> . |
| (e) Alvo: | <i>O Luís</i> | ofereceu | o disco <i>ao amigo</i> . |
| (f) Tema: | <i>A Maria</i> | guiou | <i>o jipe</i> . |

(g) **Tema:** O Paulo sabe *Japões.*

teste: agente/fonte/experienciador

(a) **Agente:** *A Maria* guiou o jipe intencionalmente.
 (b) **Fonte:** * *O vento* partiu o vidro da janela intencionalmente.
 (c) **Experienciador:** * *Os meninos* temem a tempestade intencionalmente.

3. Natureza aspectual dos verbos e grade temática

Verbos estativos e dinâmicos

(a) estativos: O Museu do Ar fica em Alverca. / Fica em Alverca!
 (b) dinâmicos: A Maria guiou o jipe do Pedro. / Guia o jipe!
 A pedra rolou na relva / Rola na relva!

Situações dinâmicas: télicas e a-télicas

(a) A Maria guiou o jipe do Pedro *por uma hora / * em uma hora*
 (b) A pedra rolou na relva *por uma hora / * em uma hora*
 (c) O vento quebrou o vidro da janela ** por uma hora / em uma hora*

Dinâmicas télicas e duração: processos culminados (a), culminações (b) e pontos (c, d):

(a) A Ana escreveu um romance (*às 7 horas)/ O romance está escrito / Escrito o romance, ela descansou.
 (b) O menino nasceu às 7 horas/ O menino está nascido / Nascido o menino, ela descansou.
 (c) O João espirrou / * O João está espirrado / * Espirrado o João, ...
 (d) O público suspirou / * O público está suspirado / * Suspirado o público,...

Estados e verbos estativos

(a) [Os fantasmas]_{TEMA} não existem. (verbos existenciais: tema)
 (b) [O João]_{TEMA} mora [em Lisboa]_{LOCATIVO} (verbos locativos: tema; locativo)
 (c) [O João]_{EXPERIENCIADOR} sabe [Mandarim]_{TEMA} (verbos epistêmicos: experienciador; tema)
 (d) [A Maria]_{? and} triste. (verbos copulativos: ?)

Processos e verbos de processo

(a) Choveu toda a noite (processos sem argumentos)
 (b) O João corre de manhã
 (c) A Rita pinta [quadros]

Verbos de processo culminado e seus argumentos internos: expressando resultados

(a) A tempestade destruiu as colheitas (*'... e as colheitas ficaram destruídas'*)
 (b) A Susana arrumou a estante (*'... e a estante ficou arrumada'*)
 (c) O vento deslocou os blocos para a rua (*'... e os blocos ficaram deslocados'*)
 (d) O Saramago escreveu mais um romance (*'... e o romance ficou escrito'*)

Verbos de culminação e seus argumentos.

(i) Único argumento tema:

(a) [O Pedro]_{TEMA} chegou tarde ao emprego / Chegou o Pedro (? no emprego)
 (b) [As flores]_{TEMA} murcharam no vaso / Murcharam as flores (? no vaso)

(ii) Argumento agente/fonte; Argumento tema e possibilidade de anticausativas

(a) [O vento]_{FORTE} quebrou o vidro _{TEMA} da janela / [O vidro]_{TEMA} da janela quebrou (-se)
 (b) [O calor]_{FORTE} derreteu a manteiga _{TEMA} / [A manteiga]_{TEMA} derreteu (-se)

Verbos pontuais e seus argumentos

(a) [A Maria]_{EXPERIENCIADOR} espirrou
 (b) [O público]_{EXPERIENCIADOR} suspirou de alívio

Verbos Simétricos, falsos reflexos ou reflexos inerentes

(a) Eu dialogo com você / Você dialoga comigo / Eu e você dialogamos.
 (b) A Maria casou com o João / O João casou com a Maria / O João e a Maria se casaram.
 (c) A Maria (se) parece com o João / O João (se) parece com a Maria / O João e a Maria se parecem.

4. Estrutura argumental e Hierarquia temática

Estrutura Argumental, Duarte & Brito (2003:198): oferecer v: [SN-AGENTE SN-TEMA SP-ALVO]

- (a) [O João] AGENTE ofereceu [um livro] TEMA [à Maria] ALVO
 (b) * [Um livro] TEMA ofereceu [o João] AGENTE [à Maria] ALVO

Hierarquia temática, Duarte & Brito (2003:198): Agente > Locativo, Alvo > Tema

4.1 Hierarquia temática e “sujeitos”

Alteração no papel temático do “sujeito” a depender da sua semântica

- (a) [O tremor de terra] FONTE matou dez pessoas
 (b) [O criminoso] AGENTE matou dez pessoas

(lembrando os testes):

- (a)' [O tremor de terra] FONTE matou dez pessoas intencionalmente / para...
 (b)' [O criminoso] AGENTE matou dez pessoas intencionalmente / para obter o resgate

Note-se que: O criminoso/O tremor de terra matou [dez pessoas] TEMA

“Certos verbos admitem que o argumento que ocorre como “sujeito” possa ter os papéis temáticos de Fonte ou Agente *consoante a entidade que designam*, possibilidade que não se verifica relativamente aos restantes argumentos” (Duarte & Brito 2003:200).

Relação Composicional entre [verbo-argumento externo] e “sujeito”

- (a) [O João] AGENTE quebrou o vidro
 (b) [O João] AGENTE quebrou a perna da Maria
 (c) [O João]? quebrou a perna {a perna-possesivo inalienável de O João}

- (a) O criminoso matou dez reféns
 (b) O criminoso matou aula
 (c) O criminoso matou a charada

Hipótese 1 - Diferentes entradas lexicais a depender das grades temáticas:

- (i) matar₁, matar₁, matar₃

Hipótese 2 - Assimetria na relação temática de argumentos externos e internos.

Marcação assimétrica de papéis temáticos e entradas lexicais das estruturas argumentais:

oferecer v: SN-AGENTE [SN-TEMA SP-ALVO] (Mateus et al 2003:201) – ou:
 oferecer v: AGENTE [TEMA, ALVO]

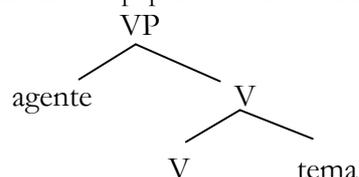
Mas como os papéis temáticos são estruturados hierarquicamente? (ex. AGENTE [TEMA, ALVO])

Thematic Hierarchy, Larson (1988:382):

Agent > Theme > Goal > Obliques (manner, location, time, ...)

“If a verb α determines θ -roles $\theta_1, \theta_2, \dots, \theta_n$, then the lowest role on the Thematic Hierarchy is assigned to the lowest argument in constituent structure, the next lowest role to the next lowest argument, and so on”.

Marcação assimétrica de papéis temáticos e Projeção estrutural, I



4.2 Hierarquia temática e “complementos”

Proximidade V-argumento interno: Do ponto de vista estrutural

“Sendo a atribuição de papéis temáticos uma relação eminentemente local, espera-se que o verbo marque diretamente os argumentos que ocorrem como complemento, uma vez que o verbo e estes argumentos se encontram em posições sintáticas irmãs” (Duarte & Brito 2003:200).

Note-se: “*Há verbos que não asseguram sozinhos a marcação temática de seus argumentos internos*”

- (a) As crianças foram para a escola
- (b) O professor entrou na sala
- (c) Os pais saíram de casa

Proximidade V-argumento interno, do ponto de vista semântico:

- (i) verbos que permitem a omissão do argumento interno
- (a) A Maria comeu [TEMA] às 13 horas.

(ii) argumentos sombras

- (a) Chovia *uma chuva miudinha*
- (b) A vítima chorou *lágrimas de raiva*
- (c) Dormimos *um sono reparador*

(iii) Paráfrases temáticas com “verbos leves”

- | | | | | |
|---------------|-------------------------|-------------|------------------------|--------------|
| (a) A Maria | <u>espirrou</u> | / A Maria | <u>deu um espirro</u> | |
| (b) O público | <u>suspirou</u> | / O público | <u>deu um suspiro</u> | |
| (c) A moça | <u>gritou</u> | / A moça | <u>deu um grito</u> | |
| (d) O moço | <u>beijou</u> a moça | / O moço | <u>deu um beijo</u> | na moça |
| (e) A moça | <u>mordeu</u> o moço | / A moça | <u>deu uma mordida</u> | no moço |
| (f) A mãe | <u>banhou</u> os filhos | / A mãe | <u>deu um banho</u> | nos filhos |
| (g) A Maria | olhou as crianças | / A Maria | deu uma olhada | nas crianças |

(iv) Outras paráfrases temáticas

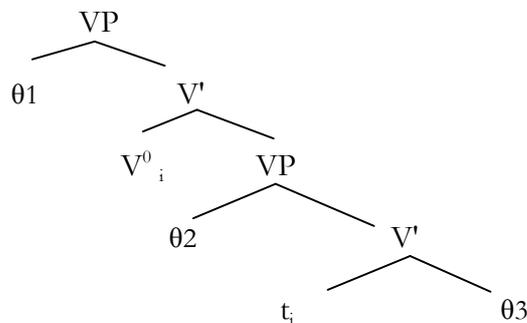
- (a) A menina derrubou o pote / A menina fez o pote cair
- (b) Os meninos banharam / Os meninos tomaram banho

4.3 As estruturas com dois argumentos internos

Se VP = [VP [argumento interno] [V' verb [argumento interno]]]], como se estruturam os predicados com dois argumentos internos?

- (a) A Maria deu os livros para os amigos
- (b) O João pôs o livro na estante

Larsonian Shell, Larson (1988):



TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

Teoria Temática - passagem para a noção de "caso": O problema da alternância de diáteses

 DUARTE, Inês (2003): A Família das Construções Inacusativas, In M.H.M Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. Lisboa:Caminho (506-548).

0. Resumo da aula passada: grade temática, hierarquia temática

1. Alterações da estrutura argumental: supressão e promoção de argumentos

➤ Exemplos em Duarte, 2003:

(1) Promoção de argumento “tema” de verbos mono-argumentais:

- (a) [O Pedro]_{TEMA} chegou
- (b) [As flores]_{TEMA} murcharam

(2) Promoção de argumento “tema” e supressão de argumento “fonte” em verbos de *Alternância Incoativa*

- (a) [O calor]_{FONTE} derreteu [a manteiga]_{TEMA}
- (b) [A manteiga]_{TEMA} derreteu com o calor
- (c) [A manteiga]_{TEMA} derreteu

(3) Promoção de argumento “tema” e supressão de argumento “agente” em *Construções Passivas*

- (a) [Os alunos]_{AGENTE} compraram [o livro]_{TEMA}
- (b) [O livro]_{TEMA} foi comprado pelos alunos
- (c) [O livro]_{TEMA} foi comprado

(4) Construções com SE

- (a) [O livro]_{TEMA} comprou-se (**pelos alunos*)
- (b) [Os três canivetes]_{INSTR} usaram-se para cortar o pão (**por alguém*)

➤ Síntese e contrastes da co-relação transitivas causativas /inacusativas/passivas:

(5)

- (a) A Maria derreteu a manteiga [variante transitiva causativa]
 - (b) A manteiga foi derretida [variante passiva]
 - (c) A manteiga se derreteu [variante com SE]
 - (d) A manteiga derreteu [variante inacusativa]
- mas*
- (a') A Maria derreteu a manteiga *intencionalmente / * por si só* [variante transitiva causativa]
 - (b') A manteiga foi derretida *intencionalmente / * por si só* [variante passiva]
 - (c') A manteiga se derreteu ** intencionalmente / por si só* [variante com SE]
 - (d') A manteiga derreteu ** intencionalmente / por si só* [variante inacusativa]

2. Por que “inacusativas”?

➤ Propriedades comuns às construções passivas, de alternância incoativa e inacusativas, cf. Duarte (2003:509):

- (i) “o verbo não atribui caso acusativo ao seu argumento interno direto”
- (ii) “o verbo não atribuir papel temático externo à posição de sujeito”

➤ “Essas duas propriedades podem ser o resultado de características idiossincráticas do verbo, i.e., do facto de o verbo escolhido ser inacusativo, ou podem ser o efeito de processos sintácticos ou morfo-sintácticos que *inacusativizam* um verbo transitivo (Duarte 2003:509, [meu grifo])”

➤ *Sem entrar em grandes pormenores, direi apenas que um verbo inacusativo é um verbo intransitivo cujo sujeito é um argumento interno. Isto significa que o sujeito de crescer e desmaiar tem propriedades sintácticas semelhantes ao complemento de um verbo transitivo, ver, por exemplo.* [Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <http://216.55.136.163/pergunta.php?id=17583>]

(6) Testes: Verbos “Inergativos” ONDE: [a moca]-EXPERIENCIADOR

- (a) A moca espirrou
- (b) A moca espirrou um espirro estrondoso
- (c) O espirro da moca
- (d) * Espirrada a moca, começamos a festa
- (e) As mocas espirraram

- (f) *Olha as moças...* * espirraram-nas ! / *espirraram-se ! / espirraram !
 (g) * __ foi espirrado pela moca (Tema-V como “passiva” de (a))

(7) Testes: Verbos “Inacusativos” ONDE: [o moco]-TEMA

- (a) O moco chegou
 (b) * O moco chegou uma chegada bonita
 (c) A chegada do moco
 (d) Chegado o moco, começamos a festa
 (e) Os mocos chegaram
 (f) *Olha os moços ...* * chegaram-nos! / * chegaram-se! / chegaram!
 (g) *O moco foi chegado (Tema-V como “passiva” de (a))

(8) Testes: Verbos de alternância incoativa – uso causativo ONDE: [o gelo]-TEMA; [a alta temperatura]-FONTE

- (a) ? A alta temperatura derreteu
 (b) A alta temperatura derreteu o gelo
 (c) O derretimento do gelo (pela alta temperatura)
 (d) Derretido o gelo, começamos a festa
 (e) As altas temperaturas derreteram o gelo
 (f) *Olha o gelo ...* Derreteram-no ! / *Derreteram-se ! / ? Derreteram !
 (g) O gelo foi derretido pela alta temperatura
 (h) Os cubos de gelo foram derretidos pela alta temperatura
 (i) O gelo foi derretido pelas altas temperaturas
 (j) *Olha o gelo, * ...* foi derretido-no ! / * ... foi derretido-se ! / ... foi derretido !

(9) Testes: Verbos de alternância incoativa – uso incoativo ONDE: [o gelo]-TEMA

- (a) O gelo derreteu
 (b) * O gelo derreteu uma derretida bonita
 (c) O derretimento do gelo
 (d) Derretido o gelo, começamos a festa
 (e) Os cubos de gelo derreteram
 (f) *Olha o cubos de gelo ...* * Derreteram-nos ! / Derreteram-se ! / Derreteram !

(10) As construções com SE...

- (a) A cidade destruiu-se
 (b) As cidades destruíram-se
 (d) * A moca espirrou-se
 (e) * O moco chegou-se
 (f) O gelo derreteu-se
 (g) Os cubos de gelo derreteram-se

➤ Portanto, nas construções “inacusativas”, o verbo não atribui caso acusativo ao seu argumento interno direto, e não atribui papel temático externo a posição de sujeito.

➤ Pergunta: **Afinal: o que é “caso”?**

Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* se relaciona as propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem visíveis para a interpretação temática. Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

(10) Miotto et al (1999: 112-113):

- | | | | | |
|-----|------------|----------------|-----------|----------------------------------|
| (a) | Puer | puellam | amat | |
| | menino-NOM | menina-ACC | ama | 'O menino ama a menina' |
| (b) | Puella | puerum | amat | |
| | menina-NOM | menino-ACC | ama | 'A menina ama o menino' |
| (c) | Puella | ab puero | amata est | |
| | menina-NOM | por menino-ABL | amada é | 'A menina foi amada pelo menino' |

“Qual o papel destes morfemas casuais nas sentenças latinas? Eles tem o papel de estabelecer as funções gramaticais (sujeito, objeto de verbo, objeto de preposição) dos DPs e é através deles que são reconhecidos os papéis temáticos dos argumentos?”.

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA
(iii) Conceito de Relações Gramaticais (ou: “Teoria do Caso”)

 MIOTO, Carlos, et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular.

1. Noção de Caso na teoria gerativa

- Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* se relaciona as propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem visíveis para a interpretação temática. Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

(1) Mioto et al (1999: 112-113):

(a)	Puer	puellam	amat	
	menino-NOM	menina-ACC	ama	'O menino ama a menina'
(b)	Puella	puerum	amat	
	menina-NOM	menino-ACC	ama	'A menina ama o menino'
(c)	Puella	ab puero	amata est	
	menina-NOM	por menino-ABL	amada é	'A menina foi amada pelo menino'

(11) Mioto et al (1999: 114ss):

- “Qual o papel destes morfemas casuais nas sentenças latinas? Eles tem o papel de estabelecer as funções gramaticais (sujeito, objeto de verbo, objeto de preposição) dos DPs e é através deles que são reconhecidos os papéis temáticos dos argumentos. Como sabemos, na relação de *amor* marcada pelo verbo em (2), qual o DP que desempenha o papel do que ama?”
 - sabemos qual DP desempenha o papel do que ama pelo morfema \emptyset do nominativo: *puer, puella*
 - sabemos qual DP desempenha o papel do que é amado pelo morfema **-m** do acusativo: *puellam, puerum*
- “São os morfemas que marcam a reversão dos papéis temáticos em (a). Já numa sentença passiva como (c), o morfema que marca o papel temático do que é amado e /-a/ do nominativo, e o papel temático do que ama é indicado pelo morfema /-o/ (em conjunto com a presença da preposição *-ab por*, que pode ser omitida)”
- “Um mesmo caso como nominativo serve para indicar papéis- θ diferentes; ou casos diferentes como nominativo e ablativo podem indicar o mesmo papel- θ . Portanto, caso morfológico não pode ser confundido com papel- θ . Mas existe uma relação direta entre eles que é enunciada a partir da constatação de que o caso tem que ser explícito para que dele se possa deduzir o papel- θ : numa língua como o latim, não é possível a ocorrência de um DP sem marca de caso. Se isso acontecesse não saberíamos o papel- θ do DP na sentença. Dizemos, então, que o caso deixa o papel- θ **visível** para a interpretação θ ”
- “Também numa língua como o português, que não apresenta marca morfológica de caso, os DPs devem ser visíveis para a interpretação θ . (...)”

(2)

- (a) O menino ama a menina
- (b) A menina ama o menino
- (c) A menina foi amada pelo menino

- “Como sabemos que *o menino* desempenha o papel do que ama em (4a)?
 - sabemos porque este DP antecede o verbo.
- Como sabemos que *menino* desempenha o papel do que é amado em (4b)?
 - sabemos porque este DP vem depois do verbo.
- “*Grosso modo*, podemos dizer que a ordenação dos DPs no português é importante para torná-los visíveis para a interpretação θ .”
- “Então, vamos admitir que essa condição de visibilidade se aplica a qualquer língua, mesmo as que não dispõem de caso morfológico. Isto é, abstraindo a morfologia, todas as línguas seriam semelhantes ao latim porque tem que dar visibilidade aos DPs para que eles tenham sua interpretação θ garantida. Todas as línguas são idênticas por disporem da categoria gramatical Caso”.

Observemos agora os seguintes contrastes:

(3) Relação papel temático / posição

- | | | |
|-----|--------------------------------------|-------------------------|
| (a) | (i) Puer amat [puellam]-TEMA | 'O menino ama a menina' |
| | (ii) O menino ama [a menina]-TEMA | |
| (b) | (i) Puella amat [puerum]-TEMA | 'A menina ama o menino' |
| | (ii) A menina ama [o menino]-TEMA | |
| (c) | (i) [Puellam]-TEMA amat puer | 'O menino ama a menina' |
| | (ii) *[A menina]-TEMA ama o menino | |
| (d) | (i) [Puerum]-TEMA amat puella | 'A menina ama o menino' |
| | (ii) *[O menino]-TEMA ama a menina | |

(4) Relação papel temático / posição / caso morfológico

- | | | |
|-----|---|-------------------------|
| (a) | (i) Puer-NOM amat [puellam-ACC]-TEMA | 'O menino ama a menina' |
| | (ii) O menino ama [a menina]-TEMA | |
| (b) | (i) Puella-NOM amat [puerum-ACC]-TEMA | 'A menina ama o menino' |
| | (ii) A menina ama [o menino]-TEMA | |
| (c) | (i) [Puellam-ACC]-TEMA amat puer-NOM | 'O menino ama a menina' |
| | (ii) *[A menina]-TEMA ama o menino | |
| (d) | (i) [Puerum-ACC]-TEMA amat puella-NOM | 'A menina ama o menino' |
| | (ii) *[O menino]-TEMA ama a menina | |

(5) Relação papel temático / posição / caso morfológico: passiva

- | | |
|-----|---|
| (a) | (i) [Puella-NOM]-TEMA amata est ab puero-ABL (<i>oblíquo</i>) |
| | (ii) [A menina]-TEMA foi amada pelo menino (<i>oblíquo</i>) |

1.2 Algumas observações empíricas indicativas do Caso estrutural:

(6) Manifestações de caso morfológico residual em línguas sem sistema rico de caso morfológico

- | | |
|-----|-------------------------------|
| (a) | Eu vi a Maria |
| (b) | A Maria me viu |
| (c) | A Maria olhou para mim |

(7) Contrastes que revelam que elementos “vazios” em cadeias devem ter Caso:

- | | |
|-----|---|
| (a) | I met the man that Mary believed _____ to be a genius |
| | [OP _i that Mary believed the man _i to be a genius] |
| (b) | * I met the man that it was believed _____ to be a genius |
| | [OP _i that it was believed the man _i to be a genius] |

1.3 Caso estrutural e relações gramaticais

- O “Caso” é portanto uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais. Enquanto as propriedades temáticas eram estritamente relacionadas a semântica lexical dos verbos e de seus argumentos, tomando noções como evento, ação, tema, agente, locativo..., o caso é uma categoria mais puramente relacional. Um DP não será acusativo ou nominativo a depender de sua semântica lexical, mas sim a depender de sua relação gramatical com outros componentes da frase.
- Em linhas gerais, portanto, a propriedade de Caso é a que permite que a relação temática entre os diferentes constituintes seja interpretada nas interfaces. Por isso se diz que os DPs precisam resolver sua configuração de Caso para se tornarem **interpretáveis**.

1.4 Interpretabilidade versus Intelligibilidade

(8)

- | | |
|-----|---|
| (a) | A bilimboca pilincou o minquilico |
| (b) | O minquilico pilincou a bilimboca |
| (c) | A bilimboca foi pilincada pelo minquilico |

- “Interpretability is not to be confused with intelligibility. A convergent expression may be complete gibberish, or unusable by performance system for various reasons. And performance systems typically assign interpretation to nonconvergent expressions”. (Chomsky, 1998:8 [nota 19])

1.5 Caso estrutural e “Concordância”

- Por ser uma noção relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a **Concordância**. A concordância superficial (morfológica, no sentido estrito) manifesta uma relação estrutural entre dois constituintes sintáticos. Dizemos que dois itens “concordam” quando verificamos uma identidade relativa entre eles. O Caso estrutural está, assim, intimamente ligado com questões de “concordância”.

(9) Concordância NP-V e Caso estrutural

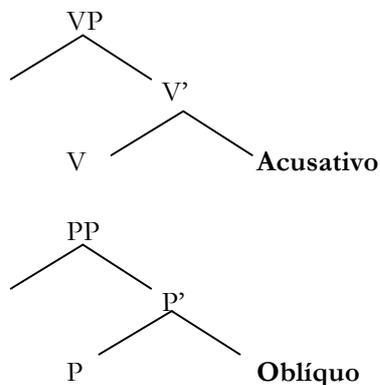
- | | | |
|---------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| (a) [A menina]-TEMA | foi amada pelo menino | = tema em posição de NOM |
| (b) [As meninas]-TEMA | foram amadas pelo menino | = tema em posição de NOM |
| (c) A menina ama | [o menino]-TEMA | = experienciador em posição de NOM |
| (d) As meninas amam | [o menino]-TEMA | = experienciador em posição de NOM |
| (e) [Puella- NOM]-TEMA | amata est ab puero | = tema em posição de NOM |
- A grande questão em torno do Caso (essa propriedade que as línguas apresentam de poder relacionar os constituintes entre si tornando a interpretação temática visível) e saber como essas relações são estabelecidas: que procedimentos envolve, em que espaços se aplicam esses procedimentos.

2. Teoria do Caso

- A teoria do caso foi se desenvolvendo basicamente para resolver o problema de como conceituar as relações gramaticais e como garantir uma descrição adequada as várias observações empíricas sobre como essas relações se manifestavam nas diferentes línguas. Nesse sentido, foram sendo apresentadas propostas no sentido de determinar os espaços de aplicação dessas propriedades relacionais – limitando esses espaços por diferentes noções de **localidade** e relação hierárquica (**dominância**).
- O princípio único da Teoria do Caso é o de que todo DP pronunciado deve pertencer a uma cadeia com caso (“*Filtro do Caso*”)
- São três os casos estruturais: **Nominativo**, **Acusativo** e **Oblíquo**. Cada um deles corresponde a diferentes configurações estruturais.

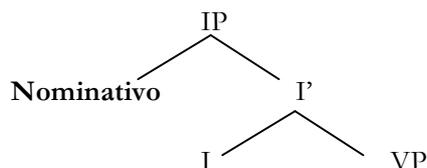
2.1 Configuração canônica para marcação de caso

- A configuração canônica para marcação de caso é aquela que um núcleo atribui caso a seu complemento:



2.1 Configuração não-canônica para marcação de caso

- A configuração não-canônica para marcação de caso é aquela em que um núcleo atribui caso a seu especificador. A marcação de caso nesta configuração é uma exclusividade do núcleo funcional I^o:



TÓPICO IV: ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A Questão do Sistema Pronominal no Português do Brasil

- 📖 TARALLO, F., 1993. “Diagnosticando uma Gramática Brasileira”.
- 📖 KATO, M. & ROBERTS, I., 1996. “Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica”.
- 📖 GALVES, C., 2001. “Ensaio sobre as Gramáticas do Português”.
- 📖 NEGRÃO, E. & KATO, M (orgs), 2001. “Brazilian Portuguese and the Null subject parameter”.
- 📖 FARACO, C. A. 1996. O tratamento *Você* em português: Uma abordagem histórica. *Fragmenta*, n. 13, p.51-82. Curitiba: Editora da UFPR.

1. Dados Preliminares Fundamentais

1.1 Aspectos da gramática do Português Brasileiro

1.1.1 Enfraquecimento da morfologia flexional e das relações de concordância:

- (a) Chegou as encomenda
- (b) Eles vai hoje

1.1.2 Tendência ao preenchimento do sujeito pronominal:

- (a) Eu encontrei meu amigo ontem

1.1.3 Tendência ao objeto nulo (possível em contextos distintos do PE):

- (a) Eu ouvi várias vezes esse disco antes de decidir comprar ___
- (b) O fundo da piscina deu defeito e tiveram que esvaziar ___

1.1.4 Possibilidade do uso do pronome tônico em posição de objeto e em sujeito de infinitiva:

- (a) A Maria encontrou ele ontem
- (b) Deixa eu pensar nas profissões
- (c) A gente manda ele deitar a cabeça e ele deita

1.1.5 Mudança nas estratégias de relativização:

- (a) O rapaz que eu vi ele na festa já foi embora
- (b) Eu tinha uma empregada que ela atendia o telefone e dizia...

1.1.6 Reestruturação do paradigma pronominal, com {a gente}, {você} impessoal:

- (a) A gente viu ela ontem
- (b) Você tem muito disso no Rio de Janeiro

1.1.7 Modificações no uso do pronome SE: rareamento do uso impessoal em sentenças finitas, introdução em sentenças ano-finitas

- (a) Hoje em dia, não _ usa mais saia
- (b) Aqui _ conserta sapatos
- (c) É impossível se achar lugar aqui
- (d) O João é difícil de se convencer

1.1.8 Rareamento do uso impessoal em sentenças finitas introdução em sentenças não-finitas:

- (a) Hoje em dia, não _ usa mais saia [vs.PE: Hoje em dia não se usa mais saia]
- (b) Aqui _ conserta sapatos [vs.PE: Aqui consertam-se sapatos]
- (c) É impossível se achar lugar aqui [vs.PE: É impossível ___ achar lugar aqui]
- (d) O João é difícil de se convencer [vs.PE: O João é difícil de ___ convencer]

1.1.9 Posição de pronomes clíticos em geral:

- (a) Me chocou tremendamente [vs.PE: Chocou-me tremendamente]
- (b) Agora não tinha me lembrado [vs.PE: Agora não me tinha lembrado]

1.1.10 Reorganização dos padrões sentenciais (perda da inversão, estabelecimento de SV)

- (a) Essa competência ela é de natureza mental
 (b) A clarinha ela cozinha que é uma maravilha

1.1.11 Contrastes de interpretação nas categorias vazias de sujeito:

- (a) O Pedro disse que _____ vai viajar >
 [O Pedro]-i disse que [_]-i/*j vai viajar

1.1.12 “Construções de tópico”:

- (a) A Belina cabe muita gente
 (b) A revista está xerocando
 (c) A cueca de dinossauros do Calvin está lavando

1.1.13 Alternância Ergativa:

- (a) A mesa molhou toda
 (b) Cuidado, senão você atropela
 (c) Eu pensei que a gente ia sugar
 (d) Esse trem já perdeu
 (e) Minha vó vai operar amanhã

➤ Nas análises gerativistas, diferentes interpretações têm sido propostas para este conjunto de mudanças, buscando compreendê-las globalmente, e identificando a mudança paramétrica em jogo. Um dos debates mais interessantes circunda a questão do enfraquecimento das relações de concordância, que tem suscitado as seguintes perguntas:

- ❖ A erosão da morfologia flexional do paradigma de pessoa e número será a causa desencadeadora da mudança paramétrica que se estabelece no PB?
- ❖ ..ou uma mudança paramétrica teria se refletido na erosão da morfologia flexional do paradigma de pessoa e número?

2. Conceitos Preliminares Fundamentais

2.1 Pessoa do Discurso x Pessoa Gramatical

(1)

1PS	falo	1PP	falamos
2PS	falas	2PP	falais
3PS	fala	3PP	falam

(2)

- (a) Você fala português?
 (b) Ele fala português?
 (c) Nós falamos português?
 (d) A gente fala português?
 (e) Fala português?

3. A História de Você

3.1 “A revolução da terceira pessoa”

1. Pronomes de segunda pessoa de discurso estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal

Vossa Mercê	>	Você (Vocês)	+ P3
Vuestra Merced	>	Usted (Ustedes)	+ P3

2. Introdução gradual de construções *Vossa + N* como formas de tratamento do rei

Vossa Mercê	{1331- 1490},
Vossa Senhoria	{1434},
Vossa Alteza	{1450},
Vossa Excelência	{1445},
Vossa Majestade	{1442}.

3. Extensão de *V. Mercê*, *V. Senhoria*, *V. Excelência* para tratamento de outros interlocutores (entre pares não-íntimos na aristocracia; de não-aristocratas dirigindo-se a aristocratas) (meados do séc. XV)
 4. Introdução de novas formas para manter um sistema diferenciado de tratamento do rei
 5. Difusão do uso de *Vossa Mercê* (até a baixa burguesia) e perda do valor honorífico aristocrático (fins do séc. XV).
- > Em resumo: “*um movimento contínuo de redistribuição social das formas*”.

3.2 Processo de Gramaticalização: *Vossa Mercê* > *Você*

SN > PRO
 Metonímia > Dêixis
 Apagamento semântico
 Erosão fonética:

Vossa Mercê > *Vosmecê*, *Vassuncê* ... > *Vancê* > *Você* {1666}
 (PB: > *Ocê* > *Cê*)

3.3 Repercussões Gramaticais

3.3.1 Repercussões Gramaticais: Português Médio

- Surgimento de um sistema duplo para o tratamento não-íntimo do interlocutor, com formas de tratamento rivais, estabelecendo concordância com formas verbais rivais:

Vós	+ verbo-2PP:	Vós	falais português?
Vossa-SN	+ verbo-3PS:	Vossa Senhoria	fala português?
		Vossa Mercê	fala português?
>Você	+ verbo-3PS:	Você	fala português?

3.3.2 Repercussões Gramaticais: Português Europeu

- Arcaização de [*Vós* + verbo-2PP] para tratamento não-íntimo de segunda pessoa do discurso
- Extensão da terceira pessoa verbal para tratamento não-íntimo em geral, com ou sem SN:

SN	+ verbo-3PS:	<i>O professor fala português</i>	
(-)	+ verbo-3PS:	<i>Fala português ?</i>	versus
(-)	+ verbo-2PS:	<i>Falas português ?</i>	

3.3.3 Repercussões Gramaticais: Português Brasileiro

- Desaparecimento/arcaização de [Vós + verbo-2PP]
- Extensão de [Você: + verbo-3PS] para o tratamento íntimo e não-solidário
- Uso regional de [Tu + verbo-2PS], [Tu + verbo-3PS]:

Tu falas português ?
Tu fala português ?

- Tratamento não-íntimo padrão:
O senhor + verbo-3PS
A senhora + verbo-3PS

O senhor fala português?
A senhora fala português?

- Concentração de funções da terceira pessoa do verbo:

Você fala português ? (com sujeitos dêiticos, referindo-se à segunda pessoa do discurso)
Ele fala português ? (com sujeitos de terceira pessoa)

- Ambiguidade de enunciados:

Fala português ? (2PS ? 3PS ?)
Fala português. (2PS ? 3PS ?)
Fala português ! (...indicativo? ... imperativo?)

- Preenchimento de sujeito como estratégia gramatical de desambiguação de enunciados

Você fala português ?
Ele fala português ?
Eu falo português. [?]